

Débora Caumo Eckert

**O USO DA INFORMÁTICA COMO UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Nize Maria Campos Pellanda

Santa Cruz do Sul, junho de 2008.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Débora Caumo Eckert

**O USO DA INFORMÁTICA COMO UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof^a. Dr^a. Nize Maria Campos Pellanda

Professora Orientadora

Prof^a. Lílian Cristine Scherer

Unisc

Prof^a. Dr. Bettina Steren dos Santos

PUCRS

E19u	Eckert, Débora Caumo O uso da informática como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa / Débora Caumo Eckert; orientadora, Nize Maria Campos Pellanda. - 2008. 90 p. : il. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008. Bibliografia. 1. Língua inglesa – Estudo e ensino. 2. Ensino auxiliado por computador. 3. Autopeiose. 4. Cognição. I. Pellanda, Nize Maria Campos. II. Universidade de Santa Cruz do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. CDD: 428.24
------	--

Bibliotecária : Muriel Thurmer - CRB 10/1558

Aos meus pais, fontes de incentivo e exemplos de amor.

À Nina, minha irmã, amiga e companheira.

Ao Rodrigo, meu eterno amor.

À professora Nize, o “fazer” do meu caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Rodrigo pelas inúmeras horas de paciência e amor a mim dedicadas. Aos meus pais Gladir Antonio e Maria Odete, que sempre me mostraram o melhor caminho; à minha irmã Marina – amiga e companheira de todas as horas; aos professores, coordenadores e colegas do Mestrado em Letras, que, com muitas trocas de conhecimento, contribuíram para as diversas perturbações desencadeadas. Agradeço de maneira toda especial, à minha professora orientadora Dr^a. Nize Maria Campos Pellanda pela sabedoria, dedicação, carinho, incentivo e empenho.

Ao Colégio Martin Luther, em nome da Senhora Diretora Andrea Desbessel, que possibilitou a realização desta pesquisa, por poder ter utilizado as dependências do Colégio – o Laboratório de Informática, e, em especial, aos alunos da 5^a série que se propuseram a participar da mesma.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca,
não aprendo nem ensino” (Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo buscou investigar, no âmbito do ensino da Língua Estrangeira (L2) Inglês - para brasileiros, qual a real contribuição do uso dos computadores na vida escolar, em termos cognitivos e subjetivos. Teve-se como pressupostos básicos, entre outros, aqueles oriundos da Biologia da Cognição dos teóricos Humberto Maturana e Francisco Varela. Levando-se em consideração o sistema da *Autopoiesis*, proposto por Maturana e Varela, em que a máquina produtora produz a si própria, ao mesmo tempo, constituindo-se os seres humanos em produtores e produtos. A metodologia desta pesquisa previa o viver/conhecer interativamente, uma vez que o sujeito aprende agindo e interagindo no ambiente em que ele está inserido. Assim sendo, a cognição é vista como um fator mediador nesta relação professora/pesquisadora/aluno – em relação ao mundo virtual. A elaboração de diários de bordo, juntamente com a pesquisa efetuada pelos alunos nos sites de Língua Inglesa, foram utilizadas para compor a metodologia, desencadeando processos de construção do conhecimento individual e coletivo, já que ao descobrirem informações e sites novos os próprios alunos se sentiam na obrigação de dividir com os demais colegas, ampliando a rede autopoietica individual, coletiva e social. Durante o trabalho desenvolvido, perceberam-se melhoras na pronúncia e escrita das palavras em L2 e, na relação sujeito-máquina, uma maior autonomia.

Palavras chave: *Autopoiesis*, Biologia da Cognição, Aprendizagem de L2 - Inglês

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the contribution of using computers in the English as a Second Language (ESL) classes for Brazilian students, based on cognitive and subjective aspects. The research was carried out based on Cognition Biology developed by Humberto Maturana and Francisco Varela. The *Autopoiesis* System proposed by Maturana and Varela assumes that producing living machine produces itself; therefore human beings are considered producers and products. The methodology for this research took into consideration the hypothesis of living and learning interactively since learners act and interact in the environment they belong to. Cognition then is considered the mediator in the teacher, researcher, and student relationship regarding the virtual world. Logbooks were written and English websites were researched, developing individual and collective knowledge construction processes. By getting information and discovering additional sites, students were motivated to share their knowledge with other classmates, expanding the individual, collective and social autopoietic web. During the research, there were relevant improvements on pronunciation and word writing in the ESL and considerable autonomy on the student - machine relationship.

Key-Words: *Autopoiesis*, Cognition Biology, Learning - ESL.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Troca de informações entre a professora e os alunos	27
Figura 2 – Troca de informações entre os próprios alunos	28
Figura 3 – Tentativa de escrita na lousa eletrônica	37
Figura 4 - Escrita na lousa eletrônica com o próprio dedo	37
Figura 5 - Escrita com a caneta da lousa eletrônica	38
Figura 6 – Atividade: “Do you know the Old Mac Donald?”	39
Figura 7 – Atividade: “How is he?”	39
Figura 8 – Música: “Old Mac Donald” e o link do site	40
Figura 9 – Atividade: Puzzle on-line	41
Figura 10 - Atividade: ligue as gravuras aos nomes	42
Figura 11 – Atividade: O jogo da forca	46
Figura 12 – Atividade: Faça o seu monstro - O monstro azul.....	47
Figura 13 – Atividade: O monstro rosa	47
Figura 14 – Atividade: O <i>Teddy Dresser</i>	48
Figura 15 – Atividade: Associando mapas às origens dos animais (Camaleão)	49
Figura 16 – Desenho: Autoria do ALUNO H – “Borboleta”	50

Figura 17 – Desenho: A autoria do ALUNO J – “Jacaré”	50
Figura 18 – Texto: A autoria do ALUNO G	51

SUMÁRIO

TRAÇANDO O CAMINHO.....	13
1 <i>AUTOPOIESIS</i> E A BIOLOGIA DA COGNIÇÃO.....	16
1.1 Conceito de <i>Autopoiesis</i> e a Biologia da Cognição	16
2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA - LÍNGUA INGLESA	23
3 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	27
3.1 O Processo de Ensino-Aprendizagem através da lousa eletrônica	31
4 O EXPERIMENTO	33
4.1 A metodologia utilizada	34
4.1.1 Questionário + Protocolo de observação – indicadores de transformação (cartografia)	34
4.1.2 Contrato Educacional	35
4.1.3 A seleção das temáticas = conteúdos não pré-determinados	35

4.1.4 Navegação em sites de Língua Inglesa confiáveis	35
4.1.5 As principais atividades realizadas pelos alunos	36
4.2 O Lócus da Pesquisa	36
5 O CAMINHO PERCORRIDO	38
5.1 A apresentação dos dados e as análises	38
5.1.1 O uso do computador em casa	38
5.1.2 O uso do computador na escola	39
5.1.3 O uso da internet em casa	39
5.1.4 O uso da internet na escola	39
5.1.5 O uso da internet em casa ou na escola	39
5.2 O Fluxo da Pesquisa	40
5.3 A criação do nosso <i>Blog</i> Inglês em ação	56
6 REFLEXÃO FINAL.....	65
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS.....	78
ANEXO A – Contrato Educacional.....	79
ANEXO B – Questionário sobre o Perfil de usuário de computador e de internet, em casa e na escola	80
ANEXO C – Protocolo de observação – Indicadores de transformação	81

ANEXO D – Fotografia 1: alunos da 5ª Série e a professora-pesquisadora, em frente à lousa eletrônica	82
ANEXO E – Fotografia 2: alunos da 5ª Série e a professora-pesquisadora	82
ANEXO F – Comprovando a autoria	83
ANEXO G – Comprovando a autoria	83
ANEXO H – Comprovando a autoria	83
ANEXO I – Fotografia 3: aluna brincando com o jogo da forca	84
ANEXO J – Fotografia 4: Os meninos se deslocando para auxiliar e trocar idéias com uma das colegas	84
ANEXO K - Sites visitados	85
ANEXO L - Participação dos alunos nos nossos encontros	86
ANEXO M - Fluxograma representando a pesquisa realizada pelos alunos em cada um dos nossos encontros.....	87
ANEXO N – Fotografia 5: Nossa confraternização - A convivência na Biologia do Amor que contribuiu com a inteligência coletiva	88
ANEXO O - Mensagem deixada para a professora/pesquisadora dos alunos envolvidos na pesquisa.....	89

TRAÇANDO O CAMINHO

O processo ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira (LE) nas nossas escolas vem tomando dois rumos distintos. Há escolas que se preocupam exclusivamente com a preparação dos alunos para o vestibular ou com aprendizagens do tipo mecânico-formal e há escolas, o que é mais raro, que oferecem ambientes para construção do conhecimento.

Temos, portanto, escolas em que o ensino da LE (Língua Inglesa) é feito de maneira mecânica e pouco atraente, em que os alunos trabalham quase que exclusivamente com a tradução de textos da língua materna para a língua estrangeira e vice-versa. Como conseqüência deste ensino, temos o desinteresse evidente dos jovens pela aprendizagem da LE, seu pouco envolvimento com a disciplina e a falta de postura crítica diante das necessidades do mundo contemporâneo.

As instituições de ensino que oferecem uma proposta de trabalho mais diversificada, em que diferentes alternativas metodológicas são exploradas, nas quais os alunos têm contato com o computador, filmes, músicas, internet, revistas, jornais e livros variados, dão mais sentido ao ensino da LE, estimulando os jovens a conhecer a história e a trajetória cultural de diversos povos, fazendo com que os alunos tenham autocrítica e raciocinem com e sobre a língua inglesa.

Quando o professor faz o seu plano de aula, ele deve levar em consideração os diferentes tipos de aprendizes e buscar a melhor forma de atingir a expectativa da turma. Estudar gramática torna-se mais significativo se os alunos puderem sentir a sua necessidade. Por exemplo, estudar gramática considerando as dificuldades que

aparecem nas produções orais e escritas dos estudantes está mais perto dos objetivos e necessidades deles. Neste caso, o professor é um mediador que mostra, apresenta, identifica, explica e dialoga com os estudantes sobre o que eles têm escrito ou falado e sobre como é a escrita ou fala mais adequada ao contexto.

Atualmente, é evidente para a maioria das pessoas que o processo de ensino-aprendizagem de LE é uma ferramenta de fundamental importância para a formação dos alunos, enquanto cidadãos brasileiros vivendo num mundo globalizado, que muda rápida e constantemente, estando o uso de computadores diretamente ligado à rotina da vida moderna.

Normalmente, ao iniciar um ano letivo nas escolas, os professores já escolheram anteriormente um livro a ser adotado para o período. Com o passar do tempo, a maioria dos alunos não está mais motivada para, constantemente, utilizar durante as aulas os mesmos livros didáticos. Com isso, surgiu a idéia de realizar um estudo sobre o ensino de LE para brasileiros através do uso do computador e da Internet nas aulas de Língua Inglesa. Juntos, alunos e professora/pesquisadora criaram os seus encontros, buscando e navegando em diversos sites educativos – de acordo com o interesse dos alunos e não pré-determinados pela professora.

No primeiro capítulo embaso-me na teoria dos biólogos Maturana e Varela para discorrer sobre *Autopoiesis* e a Biologia da Cognição.

No capítulo dois, “A Pesquisa”, descrevo a metodologia da pesquisa – de caráter qualitativo - os alunos envolvidos, local e a forma de coleta de dados. Situam-se os leitores sobre o local da realização, através de um resumo a respeito do Colégio Martin Luther, com dados significativos.

O processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa como L2 é o assunto abordado no terceiro capítulo.

Já no quarto capítulo, comento a respeito da Aprendizagem Significativa: o que é, qual é a função da escola, e o processo de ensino-aprendizagem através da lousa eletrônica.

Seguindo, no capítulo intitulado “O Caminho Percorrido”, exponho a maneira como foi realizada a pesquisa, a coleta e a análise dos dados. Para encerrar, no capítulo 6, as conclusões obtidas durante a pesquisa desenvolvida.

1 AUTOPOIESIS E A BIOLOGIA DA COGNIÇÃO

Para sustentar esta pesquisa empírica foram utilizados os pressupostos teóricos de Humberto Maturana, Francisco Varela, Pierre Lévy, Lev S. Vygotsky, entre outros.

Os autores mais envolvidos nesta pesquisa serão Maturana e Varela por abordarem elementos fundamentais a respeito da vida como um processo de conhecimento no qual

Vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e portanto, compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum (MATURANA; VARELA, 2002, p. 9 - 10).

1.1 Conceito de *Autopoiesis* e a Biologia da Cognição

De acordo com os autores citados, os seres vivos são autônomos, “capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio: vivem no conhecimento e conhecem no viver” (MATURANA; VARELA, 2002, p. 14). Este é o conceito de *Autopoiesis*, que explica que os seres vivos são os próprios produtores de sua realidade.

Se desmembrarmos o vocábulo *Autopoiesis*, oriundo do grego, teremos *auto* que significa por si, e *poiesis*, produção. A incursão etimológica nos fornece o sentido de célula, sistema capaz de criar os seus próprios elementos partindo da sua

organização interna, auto-organização da célula. De acordo com os autores referidos nós também escolhemos os nossos atos, nos organizamos, agimos e, em consequência, o conjunto todo “retorna” para nós reestruturado; ou seja, o processo viver/conhecer é cíclico e auto-organizativo.

Porém, não somos auto-suficientes. É necessário que haja interação entre as pessoas para que ocorra conhecimento. Se não houver interação, também não ocorrerá conhecimento; mas a interação só acontecerá a partir do momento em que houver uma perturbação. Assim, conhecer-se é auto-conhecer-se.

Ao mesmo tempo em que os seres vivos são autônomos, dependem de recursos externos (interações com o próprio meio) para viver. Há circularidade e cooperação entre eles, ou seja, forma-se um sistema fechado e aberto ao mesmo tempo, pois cooperação implica também abertura.

Em relação às implicações da Biologia da Cognição, quando pensamos sobre virtualização e interação, associamos os seres humanos a seres virtuais que se atualizam constantemente e que são capazes de se adaptar às diferentes situações (PELLANDA, 2005).

Maturana (1999) nos traz uma visão biológica do desenvolvimento humano e nela defende a origem do homem como um ser emocional. O papel da herança genética é considerado, mas o autor destaca a importância da cultura como determinante na evolução social, ressaltando sua primordialidade no processo de desenvolvimento. As interações sociais são muito valorizadas por Maturana, que inova na maneira de entender as relações humanas, pois nos seus estudos adotou uma abordagem biológica para as emoções, referindo-as como desenvolvidas na filogênese e na ontogênese.

Um dos aforismos de Maturana e Varela (2002, p. 31) é o que diz que “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” e, como vivemos nessa realidade circular, voltamos novamente à idéia de que precisamos fazer para podermos conhecer algo e para que possamos conhecer, precisamos fazer; um não acontece sem que o outro aconteça.

Uma idéia que resume muito bem a filosofia da Biologia do Conhecer, na concepção desses dois biólogos, é a de que não há uma separação entre o viver e o conhecer, já que a cognição é parte do viver; ou seja, o conhecer é inseparável do tornar-se (PELLANDA, 2005). Assim, para que eu possa tornar-me alguém, preciso conhecer pessoas e coisas que farão com que eu seja quem eu realmente sou.

No livro *A árvore do Conhecimento*, estes autores chilenos têm como base a idéia de que

Conhecer é uma ação efetiva, ou seja, uma efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo. Explicação do conhecer: I. Fenômeno a explicar: ação efetiva do ser vivo em seu meio ambiente; II. Hipótese explicativa: organização autônoma do ser vivo. Deriva filogenética e ontogenética, com conservação da adaptação (acoplamento estrutural); III. Dedução de outros fenômenos: coordenação comportamental nas interações recorrentes entre seres vivos e coordenação comportamental recursiva sobre a coordenação comportamental; IV. Observações adicionais: fenômenos sociais, domínios lingüísticos, linguagem e autoconsciência. (MATURANA; VARELA, 2002, p. 35).

Como vimos, o ato de conhecer envolve uma série de fatores que estão interligados, já que nós – seres vivos - estamos conectados a essa rede dinâmica. E é justamente essa organização autopoietica que faz com que a cognição seja vista como uma atividade complexa, em que se faz necessário um dispositivo perturbador para que haja ação – interação.

Na perspectiva autopoietica, conhecer é viver e re-significar aquilo que tiver valor, para cada um dos indivíduos no seu processo de vida (PELLANDA, 2005).

Muitas vezes talvez o aluno não tenha coragem de dizer, escrever ou pedir explicações sobre aquilo que gostaria, em sala de aula, frente aos seus colegas, devido à ausência de um ambiente propício – já que aprender implica um contexto todo; mas, em frente ao computador, se o sujeito já estiver acostumado a utilizá-lo, tudo pode ser mais fácil, menos complicado, mais divertido e, conseqüentemente, produtivo.

Quando pensamos em sala de aula, pensamos no que os professores devem fazer para que os seus alunos vivenciem, conheçam tudo aquilo que for possível,

sejam experiências positivas ou negativas, pois também aprendemos com a experiência. Se os alunos tiverem amplas oportunidades de conhecer o maior número possível de coisas e pessoas, com toda a certeza, estarão tendo muitas possibilidades de experimentarem, de viverem situações e encontros, algumas vezes, únicos. Notadamente, o processo de aprendizagem através do uso dos computadores e da internet pode oferecer experiências marcantes na vida dos alunos.

Moraes (2003, p. 166) cita a expressão usada por Hugo Assmann e também por Prigogine, segundo a qual devemos reencantar a educação. Encantar, de acordo com o Novo Aurélio Século XXI (1999, p. 745) é lançar encantamento ou magia sobre, enfeitiçar, seduzir, cativar, maravilhar, arrebatado, transformar alguém em outro ser, causar extremo prazer, deliciar. É isso o que necessitamos fazer para e com o nosso aluno em sala de aula, a fim de que ele venha motivado para a escola e consiga aprender cada vez mais e ampliar os seus conhecimentos de mundo.

Vygotsky (1991) já afirmava que o convívio social é a base para que ocorra uma transformação no homem (de ser biológico a ser humano social), sustentando a idéia de que a aprendizagem surge destas relações sociais, cujos conhecimentos são construídos grupalmente. Esse autor entende o homem como um ser social, cuja aprendizagem se dá através da interação com outras pessoas (pais, colegas, professores, por exemplo) e cuja cognição e afetividade estão intimamente inter-relacionadas, sendo de fundamental importância que a escola cumpra o seu papel de possibilitar à criança avançar em sua compreensão de mundo, levando-a a desenvolver-se, a aprimorar-se num processo contínuo, pela vida afora.

Partindo dessas idéias, a proposta foi a de fazer com que os alunos fossem capazes de inventar a sua produção, ou seja, criar o seu próprio conhecimento tendo como ponto de partida o laboratório de informática, o computador, a Internet e a professora pesquisadora, que atuou como uma mediadora, alguém que os auxiliou na navegação, orientando-os no espaço virtual, para que pudessem autoconstruir-se e para que ocorresse o processo de conhecimento.

Maturana e Varela (1984) afirmam que é a opressão que mata o processo cognitivo dos seres. Paulo Freire (1986) menciona que sem consciência crítica ou

livre não ocorre aprendizado. Para Piaget (1963), o respeito mútuo é primordial nas relações cooperativas. Então, para esses autores, a cooperação para a solução de problemas é muito importante.

Ao navegarmos e usarmos o espaço virtual, participamos de uma comunidade muito ampla, partilhando informações diversas. Pierre Lévy diz que

Todo ato registrável cria efetivamente ou virtualmente informação, ou seja, numa economia da informação, riqueza. Ora, o ciberespaço é por excelência o meio em que os atos podem ser registrados e transformados em dados exploráveis. Por isso o consumidor de informação, de transação ou de dispositivos de comunicação não cessa, ao mesmo tempo, de produzir uma informação virtualmente cheia de valor. (LÉVY, 1996, p. 63)

O mesmo autor continua a sua idéia acrescentando que “o consumidor não apenas se torna coprodutor da informação que consome, mas é também produtor cooperativo dos “mundos virtuais” nos quais evolui” (LÉVY, 1996, p. 63). Ao buscar uma informação no mundo virtual, o aluno está interagindo com este meio e passa a se apropriar desta “idéia nova” de valor, uma vez que houve procura – encontro de uma resposta ou de um pensamento que possui um real significado para o internauta naquele momento.

No mundo *on-line* não há barreiras geográficas a serem enfrentadas e mesmo aquilo que parece ser/estar muito distante, está próximo. O autor ainda comenta que “cada um, a todo instante, contribui para o processo da inteligência coletiva” (LÉVY, 1996, p. 69). Estamos inseridos neste mundo global e virtual e já que dele fazemos parte, a interação faz com que cada um de sua parte contribua e até interfira no modo de pensar coletivo, e vice-versa, uma vez que, ao interagir, também interfere no modo de pensar e de agir do coletivo.

Pellanda (2005) sugere que aquilo que fazemos com a informação (experimentamos, analisamos, aceitamos, discordamos, interpretamos, ...) juntamente com a nossa experiência de vida é que constitui o conhecimento.

Em acréscimo, navegar pela internet pode dar uma sensação de total liberdade, uma vez que cada um é livre para entrar no site pelo qual se decidir, na página de seu interesse e fazer aquilo que bem entender, já que a internet é uma rede mundial livre. De acordo com Lévy, estamos agindo sobre a conectividade a

partir do momento em que montamos redes, abrimos janelas, encaminhamos ou retemos informações, mantemos barreiras, garantimos a segurança, criamos ou modificamos representações e imagens, pois ao fazê-lo interferimos de uma maneira ou de outra na evolução das linguagens em uso e dos signos a serem articulados, transformando ou mantendo os valores e os afetos sociais.

Lévy (1996, p. 45) afirma que “O navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda do que percorrendo uma rede preestabelecida; participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações”. O sujeito é o próprio produtor do seu conhecimento, pois ele sai em busca da informação de acordo com o seu grau de interesse. Quando navegamos por um site, muitas vezes ele nos redireciona para um outro local, ou nós mesmos saímos de determinado site e vamos atrás de outro que seja mais atrativo, melhor, com mais informações. O “caminho” que estamos percorrendo é a rede que cada um de nós está produzindo para si mesmo, em busca do seu próprio conhecimento.

Lévy (2000) parte da idéia de que no ciberespaço ocorre uma troca de comunicação e que esta comunicação é de “todos para todos”; sabemos que é justamente isso o que acontece no mundo virtual: tudo é muito rápido; por exemplo, assim que recebemos uma mensagem no MSN, podemos enviar uma resposta.

Em se tratando da cibernética, sujeito e objeto pertencem à mesma realidade e são sistemas auto-organizados. A Física Quântica, no início do século XX, já havia constatado que a realidade observada mudava, dependendo da presença dos seus observadores; ou seja, há integração entre as diferentes realidades. Para a Cibernética, os seres vivos, a natureza e as coisas estão no mesmo plano (PELLANDA, 2005).

Considerando-se um processo de rede dinâmica, é necessário que haja essa integração de todos os seres vivos, da natureza e das coisas para que todos evoluam, a partir da interação, sendo o conhecimento o “resultado final” deste emaranhado todo.

Santaella (2004, p. 182) explora a idéia de que “no contexto comunicacional da hipermídia, o infonauta lê, escuta e olha ao mesmo tempo” e isso o conduz a diferentes modos de ler e, conseqüentemente, de aprender com maior velocidade.

Se o aluno estiver sintonizado com o meio virtual, suas possibilidades serão exponencialmente multiplicadas.

2 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA - LÍNGUA INGLESA

Pensar educação, hoje, nos leva a refletir sobre o tempo que estamos vivendo: uma era repleta de informações. Podemos considerar que existem dois tipos de sociedade diferentes, habitando num mesmo mundo: o da velocidade, que gera mudança; e o dito “normal”, que não vê necessidade de fazer parte do mundo da informática, dos e-mails, mensagens, blogs, orkut, ... As incertezas, as dúvidas e os conflitos sobre a escolha a fazer nos perseguem continuamente.

Dentre as situações, digamos já aceitas, está aquela referente ao ensino da Língua Inglesa, desde a 5ª Série do Ensino Fundamental até o 3º Ano do Ensino Médio. Ela é uma disciplina obrigatória nas escolas brasileiras. Há professores de alemão, espanhol, francês, e assim por diante, que discutem a obrigatoriedade apenas do inglês e, sobretudo, a exclusão das outras línguas. A grande questão não é, contudo, a de eliminar esta ou aquela língua, mas a de aumentar o leque de opções. O fato é que, no mundo atual, em que o inglês passou a ser a língua franca mundial, a discussão tornou-se inócua. Com isso, o mais relevante é defender a importância do ensino de L2 para permitir e promover a comunicação entre os homens. Em havendo isso, a constituição de significados adquire grande valor em relação a todos os componentes curriculares e, também, extracurriculares.

Sem dúvida o processo de ensino – aprendizagem de línguas estrangeiras, além de capacitar o aluno a ouvir, falar, ler e escrever em um outro idioma, além do materno, adquire importantes funções: a de contribuir para que o aluno conheça outras culturas, constate a diferença de percepção e avaliação dos fatos em

diferentes contextos, aceite mais facilmente as diferenças de pontos de vista e visões de mundo, desenvolva certa tolerância à ambigüidade, enfim, esteja o mais próximo possível da variedade cultural e da diversidade conceptual. Muito mais do que isso, contribui para a formação (pessoal, profissional, ...) do aluno enquanto cidadão.

Os objetivos gerais da Língua Inglesa nas escolas normalmente visam a: promover a comunicação entre os homens; ampliar o conhecimento de mundo e o lingüístico; capacitar o aluno a produzir, receber e interpretar mensagens, seja na forma escrita, seja na forma falada; utilizar o conhecimento geral (de outras áreas e disciplinas do currículo) para falar e escrever sobre; comparar culturas locais com as culturas americana e inglesa, e trabalhar alguns conceitos gramaticais para melhorar a produção escrita e, conseqüentemente, oral.

Sabemos que para ensinar e aprender línguas estrangeiras são utilizadas diversas metodologias, dentre as quais algumas são mais eficazes que outras. Historicamente, consideramos que haja duas maneiras de ver o ensino de língua estrangeira. Halliday, McIntosh e Strevens (1974) comentam que, em relação ao ensino de língua estrangeira, o profissional opta por ensiná-la através dela mesma ou, então, ensina-a usando a metalinguagem a respeito dela, ou seja, nas palavras dos autores citados, é “o ensino de uma língua pelo ensino a respeito dessa língua” (1974, p. 288).

Para que os conhecimentos lingüísticos - a fala, a escrita, e a leitura – e os conhecimentos sobre a cultura sejam aprimorados, é necessário que os alunos tenham um contato, o mais próximo possível da língua alvo, experimentando o seu modo de produção, as sensações, as emoções presentes em fatos do cotidiano expressos lingüisticamente nesta língua.

“O ensino de uma língua é em parte o fornecimento de interessantes materiais novos de prática para o exercício das habilidades que estão sendo adquiridas” (HALLIDAY et al, 1974) somando-se a isso, novo vocabulário, novos conhecimentos lingüísticos e culturais que serão internalizados.

Se o ensino da língua estrangeira é feito no idioma alvo, o professor de Língua Inglesa, por exemplo, precisa estar muito bem preparado para que tenha

êxito, ou seja, é necessário que todos aqueles professores que atuam em línguas estrangeiras desempenhem satisfatoriamente o seu papel de professor.

Para Richards e Lockhart (1999), um professor informado tem uma extensa base de conhecimentos para ensinar, e, por estar bem informado, está mais bem preparado para fazer julgamentos apropriados e tomar decisões ao ensinar. Muitos dos professores não estão se preocupando como deveriam em relação à maneira como ensinam seus alunos ou como lidam com muitos dos momentos em que devem tomar decisões que surgem no dia a dia.

Experiência é insuficiente para o desenvolvimento e aprimoramento do professor, então, considera-se que o professor deveria conhecer as teorias existentes e escolher aquela que ele julga ser a melhor para o seu trabalho, acoplando a isso as necessidades dos alunos e os objetivos da turma. E, de acordo com os mesmos autores, a reflexão crítica pode ajudar o professor a garantir um entendimento mais profundo das experiências de ensino como uma base para tomada de decisões como uma fonte para a mudança.

Ao se ensinar uma língua, como já foi citado, o aluno deve ser levado a “experimentá-la”, assim, a prática realizada com os alunos no laboratório de informática, foi, na medida do possível, em Língua Inglesa. Os alunos foram autônomos para navegar nos sites de seus interesses – relacionados com a Língua Inglesa. Em determinados momentos foi necessário traduzir para o português para que os alunos pudessem compreender os sites adequadamente e conseguir participar ativamente das aulas. O interesse em “ter que entender/saber” o que estava escrito no site pesquisado para conseguir interagir com o mesmo, levou diversos estudantes a pesquisarem em seus dicionários palavras da Língua Inglesa, ampliando o seu vocabulário e o de seus colegas.

Através da fala e da escrita os alunos puderam mostrar as suas habilidades, cometer os seus erros e acertos, e, quando houve erros, estes foram corrigidos, e também foram encarados como uma das maneiras de se obter sucesso em relação ao aprendizado de uma nova língua.

Aqui, não utilizamos um livro didático ou uma gramática como ponto de partida, mas sim, utilizaram-se computadores, a internet, a lousa eletrônica e diversos sites educativos para navegação dos alunos. Eles tiveram total liberdade para navegar em sites educativos, relacionados à Língua Inglesa. Um fator interessante é que, ao conhecerem o site, sentiam necessidade de mostrá-lo aos demais colegas. A troca de endereços eletrônicos, jogos, brincadeiras, caça-palavras, foi muito importante para a realização desta pesquisa e os próprios alunos se deram conta disso.

3 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O que realmente significa aprender? O que é uma aprendizagem significativa? Qual é a função da escola? Se levarmos em conta o significado proposto no Novo Dicionário Aurélio (1999, p. 171) aprender é “tomar conhecimento de algo, reter na memória, mediante o estudo, a observação ou a experiência”. Assim, espera-se que os alunos aprendam, já que os professores orientam a aprendizagem dos mesmos.

Aprender é trocar experiências, dividir idéias, compartilhar conhecimentos e vivências, fazer, refazer, obter sucesso ou não, mudar, inovar, repetir as ações com mudanças, é autonomia para fazer de acordo com o tempo necessário para cada indivíduo. Aprender é conhecer. São coisas diferentes, ainda que profundamente articuladas.

Conforme Falcão (1989, p. 19), estamos constantemente aprendendo: “a aprendizagem é fenômeno do dia-a-dia, que ocorre desde o início da vida”, todas as horas, em todos os momentos através de ações bem simples do nosso próprio cotidiano. Aprendemos com o nosso pai, com a mãe, com o tio ou com a tia, com o avô ou com a avó, com a professora ou com o professor, ou até mesmo com um gatinho, ou cachorrinho.

Todos os seres são capazes de ensinar algo a alguém e todos nós somos capazes de aprender o que nos querem ensinar. A aprendizagem nunca é linear: ela ocorre por ensaios, por tentativas e erros, e também por formulação de hipóteses, recuos e avanços.

Para que possamos aprender melhor, é necessário identificarmos os erros, dar sugestões e contra sugestões, explicações complementares, revisar as noções de base, trabalhar sobre o sentido da tarefa e a autoconfiança.

De acordo com Perrenoud (2000), ensinar é “reforçar a decisão de aprender, sem agir como se ela estivesse tomada de uma vez por todas. É não encerrar o aluno em uma concepção do ser sensato “também estimulando o ‘desejo de saber””.

Se esse “desejo de saber” é estimulado no aluno, mais facilmente acontecerá a aprendizagem e provavelmente haverá uma mudança comportamental nesse aluno já que, de acordo com Falcão (1989, p. 19), aprendizagem “se trata de uma mudança de comportamento do indivíduo”; comportamento esse num sentido bem amplo.

Tratando-se de comportamento, sabemos que os aspectos cognitivos, afetivos e motores estão intrinsecamente inter-relacionados. Devemos levar em consideração, então, para que ocorra aprendizagem, devem ocorrer acréscimos de informações e conhecimentos, afetivos e motores; objetivos esses do trabalho realizado pelos docentes.

O termo *aprendizagem* muitas vezes é utilizado quase como um sinônimo de *treinamento*: supondo repetições, exercícios, prática (Falcão, 1989, p. 19); assim, aprender requer fazer, refazer, mudar, transformar, modificar as idéias e atitudes para ampliarmos o conhecimento.

A aprendizagem também pode ocorrer através da observação. Muitas vezes, crianças e até mesmo os adultos aprendem observando outras pessoas e os seus atos.

Falcão (1989, p. 20) diz que precisamos levar em consideração alguns aspectos: a aprendizagem é *peçoal* - depende apenas e essencialmente do meu próprio esforço, da minha vontade, do meu empenho. Sendo pessoal, também é *gradual*, já que cada indivíduo tem o seu próprio tempo para aprender. A aprendizagem deve ser um processo *cumulativo* e *integrativo*. Cumulativo porque ao longo da nossa vida estamos somando todos os fatos, as experiências de vida

àquilo que já adquirimos; integrativa porque há também uma integração, uma reestruturação mental interna.

A situação de aprendizagem na qual estamos inseridos também faz com que aprendamos ou não. O ambiente, por exemplo, o laboratório de informática, é propício (ou não) para que ocorra a aprendizagem. Durante os nossos encontros, o Laboratório de Informática da escola foi extremamente importante; sem ele, não seria possível realizarmos as atividades de Língua Inglesa para fins dessa investigação.

A maturação do indivíduo é que faz com que ocorra a aprendizagem já que “à medida que a pessoa progride na concretização de suas potencialidades biológicas, mais e melhor vai conseguir aprender. O desenvolvimento é exatamente produto da interação desses dois fatores”: a maturação e as experiências (Falcão, 1989, p. 53).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, as linguagens, os códigos e as suas tecnologias, objetivam a constituição de competências e habilidades que permitam ao educando conhecer e usar a(s) língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como um instrumento de acesso a informações e a outras culturas e/ou grupos sociais.

Para que possa ocorrer aprendizagem, os conhecimentos lingüísticos devem ser trabalhados dependendo do grau de conhecimento do(s) aluno(s) e devem estar centrados no uso efetivo da linguagem, e não na memorização de conceitos, através de atividades sócio-interacionais, ou seja, atividades que sejam significativas para o(s) aluno(s).

Em relação à LE, a concepção de aprendizagem e de linguagem é justamente de natureza sócio-interacional. É pela troca de experiências e vivências, inter-“agindo”, que os alunos “evoluem” e aprendem, conhecem o novo ou o desconhecido. Algumas vezes, a sociointeração pressupõe a quebra de certos valores e de crenças conquistadas pela determinação para que possamos sair de nossas próprias verdades.

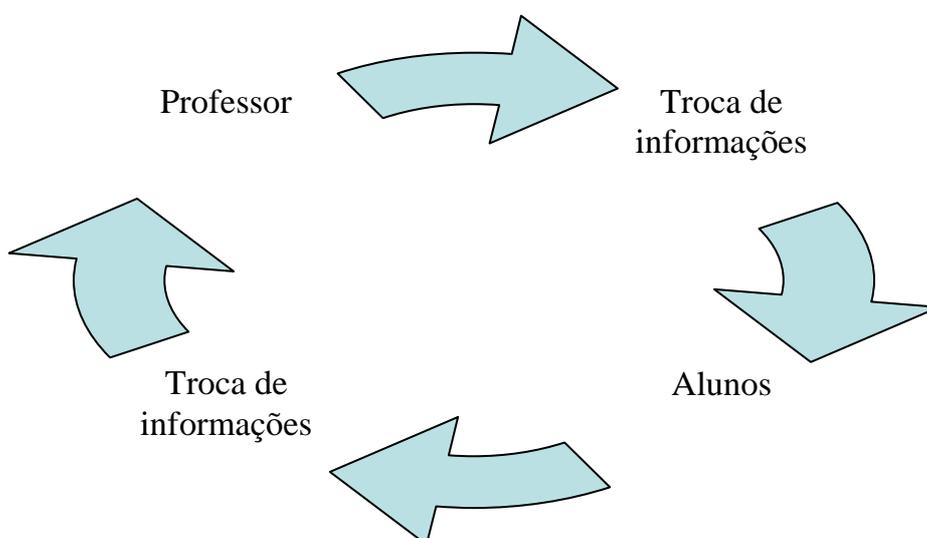
Na “Visão Tradicional de Aprendizagem”, o professor é meramente aquela pessoa que “deposita” conteúdos na mente dos alunos. Mas não é isso o que

desejamos para os nossos alunos atualmente. Desejamos que eles aprendam e que essa aprendizagem seja realmente significativa para cada um deles. Para que a aprendizagem seja significativa, ela não pode ser encarada como um projeto a ser executado: não é uma obrigação vencer os conteúdos. Deve, obrigatoriamente, ser encarada como um processo de aprendizagem.

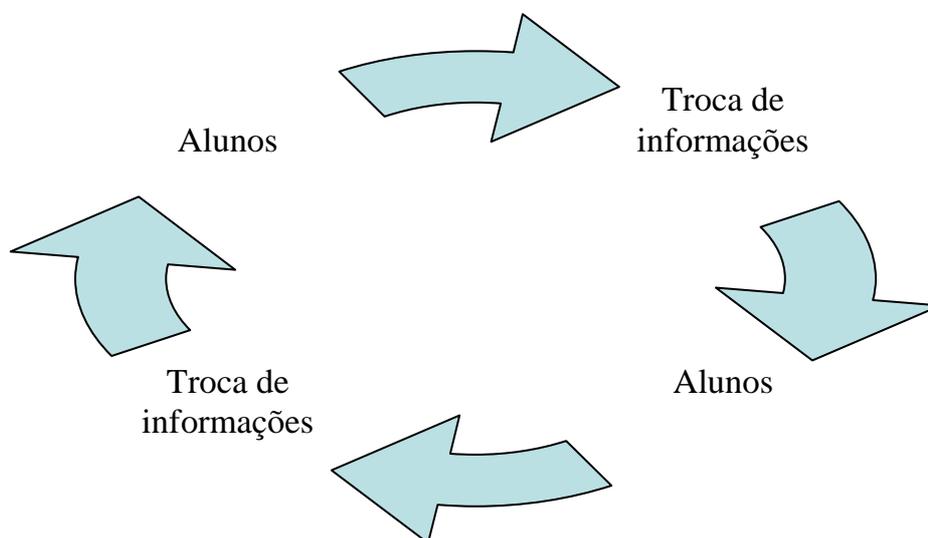
O aluno não é visto como uma “tábula rasa”, assim sendo, traz consigo uma história de vida que, muitas vezes, precisa ser contada aos demais. O espaço da sala de aula é o local propício para que isso ocorra, já que estamos falando de um contexto educacional. Nesta pesquisa, a interação entre os alunos foi muito estimulada pela professora/pesquisadora, uma vez que apenas “trocamos” o local da aprendizagem – a sala de aula tradicional, pelo laboratório de informática.

Se o professor, nos dias de hoje, não mais “despeja” os conteúdos, e o aluno não é “mais um corpo ocupando apenas um lugar na sala de aula”, é na escola que acontece muito do processo da aprendizagem não apenas cognitiva, mas também de valores, que são levados para a vida do aluno. Esse “despejar” de conteúdos que ainda ocorre por parte de muitos professores começa a ser fortemente questionado por alguns educadores, escolas e pais, que buscam uma educação mais preocupada com o saber.

Temos, então, um quadro cíclico mostrando a troca de informações entre o professor e os alunos, assim esquematizado (Figura 1):



Temos, também, um quadro cíclico mostrando a troca de informações entre os próprios alunos, assim esquematizado (Figura 2):



As principais atividades que podem ser consideradas significativas são: atividades com o uso dos computadores, da internet, pesquisas, os jogos, os projetos, músicas, leituras, role-plays (troca/inversão de papéis), pair-work (trabalhos em duplas), por exemplo.

Nos nossos encontros, foram utilizados os computadores, a internet (diferentes sites educativos em Língua Inglesa – L2) nos quais os alunos puderam se divertir e aprender através de múltiplos jogos, caça palavras, jogos da forca, músicas, desenhos, ampliando o seu vocabulário e agindo e interagindo coletivamente.

3.1 O Processo de Ensino-Aprendizagem através da lousa eletrônica

A Lousa Eletrônica Smart Board Notebook é similar a um computador, por isso o *Notebook*, ou a um quadro negro = *board*. Assim sendo, a lousa eletrônica é um quadro-computador inteligente/esperto = *smart*, já que tudo aquilo que realizamos em um computador, podemos também realizar na lousa. A grande

diferença é que ao utilizarmos o quadro branco ou negro durante as aulas, no momento que necessitamos de mais espaço para escrever, é preciso apagar algo. Outra vantagem é a de que se terminou a aula e na próxima o professor precisa continuar o conteúdo, tendo como base algum desenho, mapa, gráfico, ou escrita daquela última aula, fica tudo salvo, registrado na Lousa.

Para que possamos utilizá-la, a lousa deve estar conectada a um computador (cujo programa deverá estar instalado) e a um *data-show*. Ou seja, tudo aquilo que realizamos no computador com o programa instalado é possível realizarmos na lousa. A diferença é que há a possibilidade de usarmos as ferramentas pertencentes ao Programa Smart Board Notebook, em que podemos escrever utilizando as canetas azul, preta, vermelha ou verde, ou ainda, podemos escrever utilizando apenas o nosso dedo.

É importante salientarmos que ao utilizarmos as canetas que acompanham a lousa, o que vale é aquela que foi primeiramente retirada da bandeja. Por exemplo: se eu retirar a caneta vermelha, escrever algo, retirar a caneta preta, e escrever algo, todas as minhas escritas estarão em vermelho. É preciso que eu devolva a caneta na bandeja, antes de retirar outra, para que o sensor leia a cor que eu retirei da mesma.

O mesmo acontece com todas as outras ferramentas existentes no programa. Se eu tiver em minhas mãos a caneta azul e resolver apagar algo utilizando a minha mão ou o ícone “apagador”, isso não será possível já que ainda está em minha mão a caneta.

Quando o Colégio Martin Luther adquiriu a lousa eletrônica, os professores tiveram de participar de um treinamento realizado pela Empresa Scheiner, que desenvolveu o programa. Ao final, uma das tarefas foi elaborar uma aula utilizando algum site da internet lincando uma gravura a ele, fotografar uma gravura da internet e inseri-la junto ao texto do Word e, ainda, utilizar alguma gravura das ferramentas que acompanham o programa.

4 O EXPERIMENTO

Neste estudo busquei investigar, no âmbito do ensino da Língua Estrangeira (L.E.), L2–Inglês, para brasileiros, qual a real contribuição do uso dos computadores na vida escolar, em termos cognitivos e subjetivos.

A pesquisa propriamente dita teve como pressupostos básicos, entre outros, aqueles oriundos da Biologia da Cognição dos teóricos e biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela.

De acordo com esses autores, a cognição é a capacidade que o sujeito tem de aprender através do seu agir/interagir no ambiente, sendo criativo e autor da sua produção de conhecimento. (MATURANA e VARELA, 2002)

É preciso ressaltar que o processo de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira–Inglês deu-se através do uso dos computadores, da Internet - a navegação nos sites em Língua Inglesa ocorreu partindo do princípio de livre escolha pelos alunos, e do uso da lousa eletrônica através do Programa Smart Board Notebook. Ou seja, os alunos tiveram total liberdade em relação a sua pesquisa, realizando-a de acordo com o seu interesse em sites educativos já que os encontros não foram previamente planejados pela professora/pesquisadora que se propôs fazer a inclusão digital destes alunos.

Os objetivos desta pesquisa foram verificar como os instrumentos tecnológicos – principalmente a Internet (através de sites educativos em Inglês) – poderiam contribuir em termos cognitivos e subjetivos para um trabalho diferenciado no processo ensino–aprendizagem da Língua Inglesa; verificar como e se ocorre o processo de aprendizagem, quando o aluno é o autor-organizador do seu

conhecimento; observar a relação sujeito–meio digital; explorar questões transdisciplinares, cujos temas foram escolhidos em conjunto pelos alunos e pela professora; averiguar qual foi o caminho percorrido por cada um dos alunos para chegar até a “rede-final” individualmente construída a partir de colaborações com autonomia, e, perceber, no aluno, o seu interesse em relação a esta nova proposta de ensino-aprendizagem, bem como a evolução do processo realizado.

A partir do que foi explicitado anteriormente, teve-se como questão norteadora - **A relação sujeito-aluno de Inglês com o meio digital pode ter significativas implicações em termos cognitivos e subjetivos?**

A investigação empírica, de caráter qualitativo, foi realizada com 10 (dez) estudantes – sendo 4 meninas e 6 meninos) de classe média-alta, da 5ª Série do Ensino Fundamental do Colégio Martin Luther, de Estrela, no Laboratório de Informática da escola, de setembro a outubro de 2007; que têm a Língua Inglesa como disciplina obrigatória no currículo. É necessário salientar que toda a turma da 5ª Série foi convidada para participar da pesquisa, porém apenas dez alunos foram os sujeitos analisados na pesquisa.

Considerando o sistema da *Autopoiesis*, proposto por Maturana e Varela (2002), em que a máquina produtora produz a si própria, ao mesmo tempo, constituindo-se os seres humanos em produtores e produtos, a metodologia desta pesquisa previa o viver/conhecer interativamente, uma vez que o sujeito aprende agindo e interagindo no ambiente em que ele está inserido. A cognição é vista, então, como um fator mediador nesta relação professor/pesquisadora/aluno – em relação ao mundo virtual.

Como já foi mencionado antes, esta foi uma pesquisa qualitativa, em que os participantes e a professora/pesquisadora estiveram envolvidos no problema de modo cooperativo e participativo.

4.1 A metodologia utilizada

4.1.1 Questionário + Protocolo de observação – indicadores de transformação (cartografia)

Os alunos preencheram, previamente, um questionário (ANEXO B) para verificar o uso do computador e da Internet, na escola e em casa. Uma análise minuciosa destes dados coletados pela aplicação do questionário preenchido antes de iniciarmos a pesquisa – sobre o uso de computador e da internet, e com os dados coletados com os alunos durante o transcurso do trabalho foi efetuada pela professora/pesquisadora, através das transformações que foram cartografadas (alguns critérios escolhidos pela professora/pesquisadora – ANEXO C), como, por exemplo, a relação sujeito-máquina, a pronúncia das palavras em inglês, a autonomia, a satisfação dos alunos, se escreviam de uma maneira mais elaborada, a iniciativa, os traços afetivos, uma vez que os estudantes foram os responsáveis pelo êxito do trabalho desenvolvido.

4.1.2 Contrato Educacional

O Contrato Educacional firmado entre os estudantes participantes da pesquisa e a professora/pesquisadora, tinha por objetivo firmar algumas combinações: o que os alunos poderiam e/ou deveriam fazer durante os encontros (trocar idéias, levantar do seu lugar, conversar com os colegas, por exemplo) e o que os alunos não poderiam fazer (comer ou beber no laboratório de informática, navegar em sites que não fossem em Língua Inglesa e sites não confiáveis, por exemplo).

4.1.3 A seleção das temáticas = conteúdos não pré-determinados

Os conteúdos abordados nos encontros não foram pré-determinados; ou seja, juntos, professora/pesquisadora e estudantes escolheram os assuntos de seus interesses.

4.1.4 Navegação em sites de Língua Inglesa confiáveis

Os assuntos de interesse comum aos estudantes foram escolhidos em conjunto justamente para que eles pudessem navegar na World Wide Web (em sites confiáveis), além de pesquisar o que lhes interessava individualmente, uma vez que a autonomia e as trocas de experiências entre os alunos eram desejadas pela professora/pesquisadora. As buscas realizadas foram levadas em conta e procurou-

se aquilatar o seu potencial em termos de contribuição para a troca de conhecimento.

Após a seleção das temáticas em cada um dos nossos encontros, a professora/pesquisadora orientou os alunos sobre sites da Internet, como pesquisar, e assim por diante, para realizar trabalho conjunto e para desencadear futuros debates.

Os próprios alunos tiveram a iniciativa de criar uma lista com os sites educativos e confiáveis nos quais eles estavam navegando nos encontros e, posteriormente, também em suas casas (ANEXO K).

Os assuntos de principais interesses giraram em torno de esportes, comidas, animais, roupas, músicas e notícias.

4.1.5 As principais atividades realizadas pelos alunos

As atividades que os alunos mais realizaram e que mais gostaram de realizar durante os encontros foram: jogo da força, caça palavras, atividades relacionadas a músicas, pintar, cantar, desenhar, completar exercícios, utilização de dicionários (inclusive on-line), criar atividades, ouvir a pronúncia das palavras para pronunciá-las posteriormente, criação de e-mail pessoal e de um Blog da Turma.

Determinados comportamentos e reações diante do famoso mundo virtual da Internet foram descritos para facilitar a naturalidade da relação de troca de conhecimento entre os alunos.

4.2 O Lócus da Pesquisa

O Colégio Sinodal Martin Luther, localizado à Rua Nilo Peçanha, número 104, no Bairro Oriental – Estrela, cuja mantenedora é a Sociedade Evangélica Educacional de Estrela – SEEE, foi fundado em 10 de setembro de 1949, com a coordenação de Ito João Snel. Desde fevereiro de 2007, a escola é dirigida por Andrea Desbessel. Coordena o Colégio Martin Luther Júnior (Séries Iniciais), a

senhora Juliana M. W. de Moraes e o Ensino Fundamental e Médio a senhora Zaira I. J. Kummer.

Até a presente data, havia, então, apenas duas escolas particulares em Lajeado e Estrela, consecutivamente: o Colégio Madre Bárbara e o Colégio Santo Antônio.

A escola conta hoje com 111 alunos matriculados na Educação Infantil, 102 no Ensino Fundamental, 131 no Ensino Médio e 240 alunos nos Cursos Técnicos, divididos em: 56 no Curso de Mecânica, 59 em Recursos Humanos, 42 em Alimentos, 25 em Contabilidade e 57 em Segurança do Trabalho. O quadro atual é de 28 funcionários e 59 professores

A estrutura física conta com aproximadamente 4.500 metros quadrados de área construída; entre elas: um Ginásio Esportivo, um Auditório, 34 salas de aula, Sala de Artes, Laboratório de Informática, Laboratório de Física, Biblioteca (com cerca de 8.000 livros no Colégio Martin Luther Júnior e 15.541 livros no “Colégio Grande”), Pensionato (atualmente com 11 alunos), Museu de Ciências Naturais, Sala de Vídeo, Sala dos Professores, Sala da Direção, Sala da Coordenação, Cantina/Restaurante, Cozinha, Secretaria, Setor de Reprografia. Proporciona aulas de Música (piano e teclado), Dança (jazz, dança de rua), Coral Infantil, Escolinhas de Língua Alemã e de Futebol, Atletismo e Basquete, Turno Integral da Educação Infantil até a 4ª Série.

O Colégio investe bastante na área esportiva: principalmente no basquetebol (feminino) e voleibol (feminino e masculino). Proporciona o Projeto Social Menina Moça, no qual 131 meninas carentes aprendem a fazer fuxico, tricotar, costurar, bordar, ou seja, realizam diversas artes.

A escola participa das Olimpíadas Científicas, da Olimpíada Matemática da Univates, das Provas do Enem, das Provas e Competições da Rede Sinodal, tais como: Simulado, Dia do Canto, Onase (Olimpíada das Escolas da Rede Sinodal), Intese, Atese, reuniões de Grêmios Estudantis, encontros de Lideranças Estudantis, encontros de danças, entre outros.

5 O CAMINHO PERCORRIDO

Nesta pesquisa os participantes (10 alunos da 5ª Série) e a professora/pesquisadora estiveram envolvidos no problema de modo cooperativo e participativo; uma vez que juntos pesquisaram diversos sites educativos, decidiram o que e como fazer durante os encontros. Tudo isso ocorreu dessa forma já que a proposta levava em consideração a Biologia da Cognição e a *Autopoiesis*, ou seja, a autonomia – proposto por Humberto Maturana e Francisco Varela.

5.1 A apresentação dos dados (ANEXO B): Questionário sobre o Perfil do usuário de computador e da internet, em casa e na escola:

5.1.1 O uso do computador em casa:

Dos dez alunos pesquisados:

- oito utilizam-no diariamente;
- apenas um aluno utiliza-o uma vez por semana;
- nenhum deles o utiliza quinzenalmente,
- apenas um aluno nunca usa o computador em casa.

5.1.2 O uso do computador na escola:

- nenhum estudante utiliza o computador diariamente na escola;
- dois usam uma vez por semana;
- cinco utilizam quinzenalmente,
- e três nunca os utilizam.

5.1.3 O uso da internet em casa:

- oito alunos utilizam-na diariamente;
- nenhum deles a utiliza apenas uma vez por semana;
- um usa-a quinzenalmente,
- e um nunca a utiliza.

5.1.4 O uso da internet na escola:

- apenas um aluno utiliza-a diariamente;
- também apenas um estudante utiliza-a só uma vez por semana;
- cinco usam-na quinzenalmente,
- e três nunca a utilizam na escola; utilizando-a apenas em casa.

5.1.5 O uso da internet (em casa ou na escola) – um aluno poderia marcar mais de uma opção:

- sete alunos utilizam-na para obter informações gerais (em jornais, revistas, para ler sobre a previsão do tempo, corrida de Fórmula Um, notícias da cidade/região/estado/mundo);
- nove alunos utilizam-na por lazer,
- e seis a estão utilizando em busca de aprendizagem.

5.2 O Fluxo da Pesquisa

Os nossos encontros aconteceram às quartas e sextas-feiras à tarde – turno oposto ao horário escolar, das 13h30min até às 17h, com um pequeno intervalo de quinze minutos.

Os alunos, praticamente tiveram 100% de frequência, uma vez que os mesmos só faltaram ou saíram mais cedo por motivos médicos ou pessoais (ANEXO L).

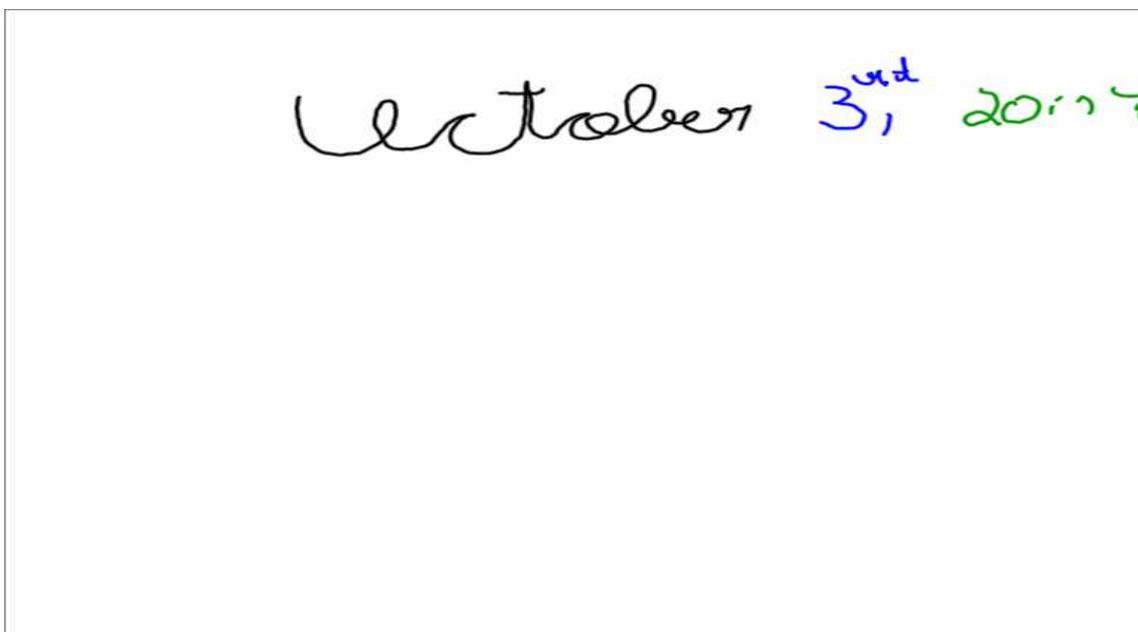
Desde o primeiro encontro até os últimos, percebi sentimentos e reações estampados em diversas faces, como: a ansiedade, a emoção, a troca de energias, alegrias, conquistas, conhecimentos, novidades, a busca por descobertas, o entusiasmo, os medos, as angústias que os afligiam, tudo isso os motivou e os levou a participar das aulas, sem que perdessem o interesse pelos nossos encontros, mesmo com o decorrer do tempo.

Tudo começou numa tarde ensolarada de inverno: dei as boas vindas; uma breve explicação sobre como funcionaria o trabalho (a pesquisa do Mestrado); firmamos nosso Contrato Educacional (regras) (ANEXO A); os alunos preencheram o Formulário de Perfil Usuário de Computador/Internet – na escola e em casa, juntamente com as explicações do Termo de Consentimento e Autorização dos pais (ANEXO B) (que deveria voltar assinado no próximo encontro); falamos sobre e-mail, *Blog*, e, por último, comentei a respeito da lousa eletrônica e o seu funcionamento.

Os alunos presentes neste primeiro encontro, juntamente com a professora/pesquisadora, registraram o momento especial desta aula, em frente à lousa eletrônica, na Sala de Informática (ANEXO D)

Agora todos, sem exceção, estavam muito curiosos para mexer na lousa e “ver com as próprias mãos” como ela funcionava. Foram combinadas algumas regras, entre elas: jamais utilizar qualquer tipo de caneta e/ou similares na tela da lousa eletrônica (pois pode depredá-la) uma ordem para que todos pudessem ir até a frente e, um a um, escreveram com a caneta e também com o seu dedo.

Uma das tentativas de escrita na lousa eletrônica (FIGURA 3):



Chamou-me a atenção de que todos os alunos, sem exceção, escreveram seus nomes e/ou o nome completo na primeira vez que tiveram contato com a lousa eletrônica; ou seja, a autoria estava bem presente em cada um deles, como um sentimento de pertencimento (ANEXOS F, G, H). Muitas foram as tentativas de escrita com o próprio dedo e com a caneta até que pegaram a prática de como a lousa eletrônica funciona, principalmente, em se tratando da sombra que o próprio corpo projeta na mesma – não permitindo que as palavras sejam transmitidas na lousa.

Escrita com o próprio dedo (figura 4):



Escrita com a caneta da lousa eletrônica (Figura 5):

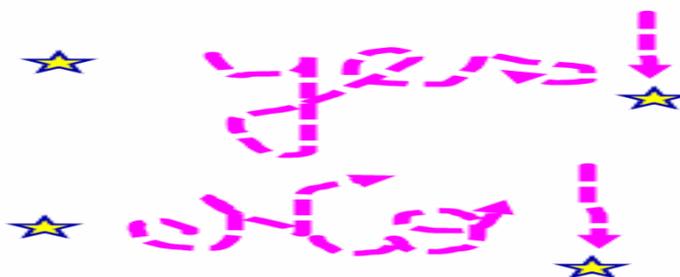
Ama Paula
 Nati
 Tales Juntos

Passado o primeiro alvoroço da lousa eletrônica, pedi a ajuda deles para que falassem sobre um assunto ou os assuntos que fossem de seu interesse. Logo vieram muitas sugestões. Dentre eles, venceu o assunto “animals” = animais, seguido de “Food and drink” = comidas e bebidas, “sports” = esportes e “clothes” = roupas.

A idéia lançada aos alunos foi a de que, juntos, tentaríamos criar o nosso próprio material, que pudesse ser utilizado pela professora, por exemplo, em suas aulas de Língua Inglesa. Pensando nos “animals”, lembraram do personagem da música do *Old Mac Donald*. Pediram-me como é que se fazia a pergunta “Você conhece o *Old Mac Donald*?”. Juntos, traduzimos a frase para o Inglês. Após, escolheram as opções Sim = “Yes” ou Não = “No”.

Mas, instiguei-os: como é esse *Old Mac Donald*? Essa foi a próxima sugestão lançada: que o imaginassem. Navegando pela própria lousa eletrônica, os alunos descobriram que ela possui uma galeria de fotos e desenhos. Dali os alunos retiraram as seguintes figuras (quando havia o desenho de que necessitavam) ou, simplesmente, deixaram sem o desenho (Figura 6 e 7):

DO YOU KNOW THE OLD MACDONALD?



HOW IS THE OLD MACDONALD?



HAPPY?



SAD?



ANGRY?

★ YOUNG?

★ OLD?

★ HANDSOME?

★ UGLY?

Ele é *Happy* = feliz? *Angry* = furioso? *Sad* = triste? *Young* = jovem? *Old* = velho? *Handsome* = bonito? Ou *Ugly* = feio?

Para cada um destes adjetivos os próprios alunos foram criando as perguntas em Inglês, pois sabiam como fazê-las: “Is he happy?”, “Is he sad?”, “Is he angry?”, “Is he young?”, “Is he handsome?” ou ainda “Is he ugly?”.

Decidiram que agora seria hora de colocarmos a música do *Old Mac Donald*, deixando espaços em branco para que pudéssemos completar com a letra da mesma, associando a figura do *Old Mac Donald* ao site www.britishcouncil.org/kids - songs-old-macdonald.htm , que continha a música (Figura 87):

Let's sing!



<http://www.britishcouncil.org/kids-songs-old-macdonald.htm>

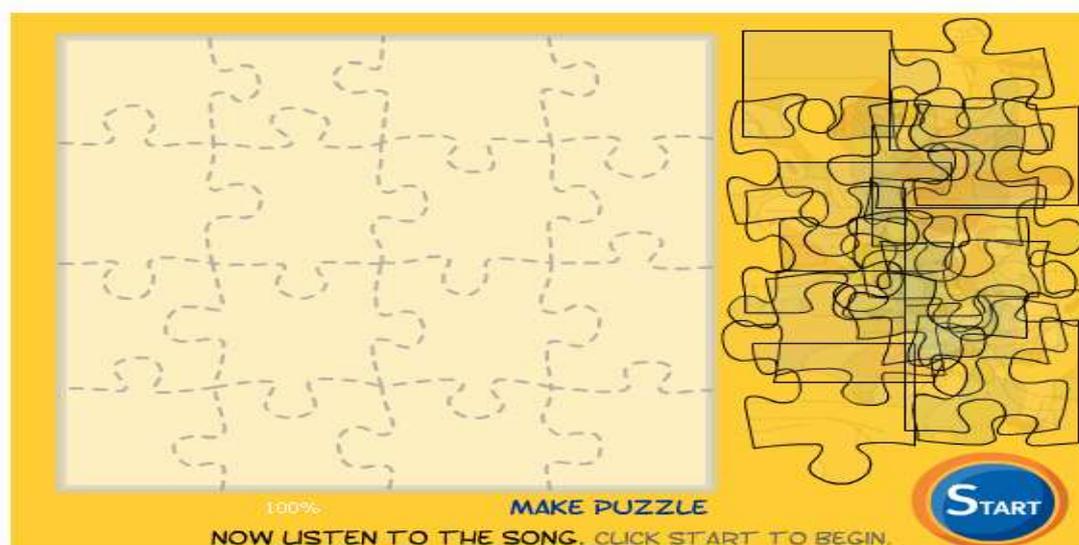
Exercise: Complete the song *Old Mac Donald* with these words: **cow, horse, farm, pig**. = Exercício: complete a música *Old Mac Donald* com estas palavras: vaca, cavalo, fazenda, porco.

Old Macdonald had a _____, E-I-E-I-O - (Farm)
And on his farm he had a _____, E-I-E-I-O - (Cow)
With a "moo-moo" here and a "moo-moo" there
Here a "moo" there a "moo"
Everywhere a "moo-moo"
Old Macdonald had a farm, E-I-E-I-O

Old Macdonald had a farm, E-I-E-I-O
And on his farm he had a _____, E-I-E-I-O - (Pig)
With a (snort) here and a (snort) there
Here a (snort) there a (snort)
Everywhere a (snort-snort)
With a "moo-moo" here and a "moo-moo" there
Here a "moo" there a "moo"
Everywhere a "moo-moo"
Old Macdonald had a farm, E-I-E-I-O

Old Macdonald had a farm, E-I-E-I-O
And on his farm he had a _____, E-I-E-I-O - (Horse)
With a "neigh, neigh" here and a "neigh, neigh" there
Here a "neigh" there a "neigh"
Everywhere a "neigh-neigh"
With a (snort) here and a (snort) there
Here a (snort) there a (snort)
Everywhere a (snort-snort)
With a "moo-moo" here and a "moo-moo" there
Here a "moo" there a "moo"
Everywhere a "moo-moo"
Old Macdonald had a farm, E-I-E-I-O

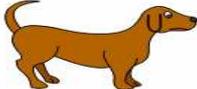
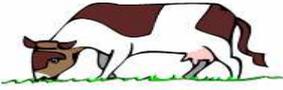
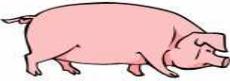
Feito isso, ouvimos e cantamos a música já conhecida por todos os alunos – algumas vezes. Após, verificamos oralmente a tradução - desta vez não foi necessário o uso do dicionário, pois eles conheciam muito do vocabulário.



Navegando, encontraram esse *puzzle on-line* (Figura 9). Quando se passava o mouse ou a mão nas figuras do lado direito, a peça ficava colorida, facilitando o encaixe na gravura. Como eles não estavam trabalhando nesse momento nos seus computadores com o mouse, mas sim, juntos na Lousa Eletrônica, foi necessário nesse momento passar a trabalhar com o mouse do computador para conseguir “arrastar” e fixar a figura do lado direito até o lado esquerdo, já que com a mão a peça não se fixava na gravura.

Veio então a idéia de fazer uma atividade na qual se deveria ligar o desenho do animal com o respectivo substantivo em Língua Inglesa. Na verdade, essa idéia surgiu quando estavam vendo quais desenhos havia na galeria de fotos do Programa Smart Board Notebook e encontraram as gravuras destes animais (Figura 10):

Match the pictures with their names:

	PIG
	DUCK
	DOG
	COW

Foi possível então lembrarmos alguns *animals* = animais que já haviam sido trabalhados na 4ª série. Dentre eles: dog (cachorro), cat (gato), spider (aranha), fish (peixe), parrot (papagaio), hamster, canary (canário), horse (cavalo), duck (pato), monkey (macaco), giraffe (girafa), rabbit (coelho), bird (pássaro) crocodile (crocodilo), mouse (rato), butterfly (borboleta) e cow (vaca).

A aluna “B” pediu se seria possível os alunos criarem os seus exercícios para, logo após, os mesmos serem resolvidos pelos colegas, na Lousa Eletrônica. Os exercícios propostos por ela foram:

1) Write the names of the animals in English - escreva os nomes dos animais em Inglês:

Elefante: elephant

Coelho: rabbit

Zebra: zebra

Vaca: cow

Porco: pig

Galinha: chicken

Tigre: tiger

2) Write five names of the animals in Portuguese - escreva os nomes dos animais em Português:

Giraffe - girafa

Snake - cobra

Mouse - rato

Cat - gato
Dog - cachorro

3) Now, write in Portuguese the words that you used in the last exercise - agora, escreva em Português as palavras que você usou no exercício anterior:

Girafa -
Cobra -
Rato -
Gato -
Cachorro -

Em seguida, a aluna "C" apresentou sua aula de Inglês aos colegas, na qual:

LESSON AT ENGLISH - Lição de Inglês:

Hoje, iremos aprender um pouco mais sobre os animais em inglês - Today, we are going to learn more about the animals in English.

1) Tente desembaralhar as palavras - Try to find the words:

rofg- **frog**
rafgfie-**giraffe**
igp-**pig**
wco-**cow**
derspi-**spider**

2) Escreva como se escreve em inglês - Write in English:

porco - **pig**
girafa - **giraffe**
vaca - **cow**
sapo - **frog**
aranha - **spider**

3) Cace as palavras - find the words:

giraffefadihsokrhfgamkajigfda
pighvxhfhejvhjkajhfohshdikwoo
nause**frog**jggyudjhkgshugjgp
gsvbjsbmsajfndkkakvjakvj**cowg**

O aluno "D" solicitou aos colegas que ligassem o animal à sua respectiva nacionalidade – conteúdo que já havíamos trabalhado em nossas aulas de Língua Inglesa:

Match the animal with the correct nationality:

- | | |
|---------------|-----------|
| 1. Africa | bear |
| 2. Canadian | alligator |
| 3. Australian | fish |
| 4. Brazilian | kangaroo |

O aluno "I" também fez um trabalho bem legal com os seus colegas:

1) Give the characteristics of the Animals (dê as características dos animais):

a. Spider:

b. Lion:

c. Elephant:

d. Frog:

2) Complete the names of the animals (Complete com os nomes dos animais)

Be.....
 Ali.....
 Spi.....
 bi.....
 fi.....
 mo.....
 pi.....
 mou.....
 Li.....
 Ti.....
 tur.....
 roo.....
 Do.....
 Ca.....
 rhi.....
 kan.....
 fr.....
 Gi.....

Completando cada um destes exercícios elaborados pelos colegas, ao final, os próprios alunos deram-se conta de como eles haviam memorizado o vocabulário estudado e a maneira divertida como isso foi feito. Mais uma vez os rostos estavam bem satisfeitos por relembrares o vocabulário que conheciam e, ao mesmo tempo, aprendido um vocabulário novo e melhorado a pronúncia de muitas palavras – novas

ou não. Essa atitude que os alunos tiveram de pensar sobre o próprio pensar - a metacognição, fez com que potencializassem seus pensamentos.

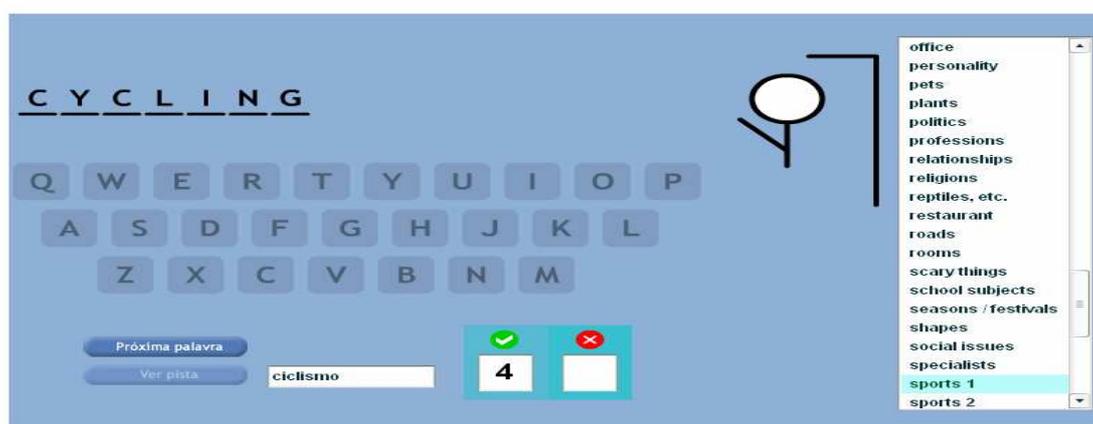
Em um dos nossos encontros seguintes, levei o Mini CD-ROM Oxford Escolar - Inglês, já que este dicionário é um dos sugeridos pelas professoras de Língua Inglesa da escola, na lista de material escolar.

Alguns dos alunos tinham esse material, mas não o haviam usado até o momento; portanto, não o conheciam. Após colocá-lo, pedi para que um dos alunos fosse até a Lousa Eletrônica para manuseá-lo. Descobriram então que, além de possuir diversos mapas, há também diferentes jogos educativos, como: palavras cruzadas, forca, pares, anagramas e sopa de letras.

O mais interessante é que, clicando em cada um dos jogos citados acima, abre-se uma diversidade muito grande de opções a serem escolhidas. Por exemplo: escritório, personalidade, animais de estimação, plantas, política, profissões, graus de parentesco, religião, répteis, restaurantes, estradas, coisas assustadoras, salas, matérias escolares, formas geométricas, estações do ano/datas comemorativas, questões sociais, esportes 1, esportes 2, assim por diante. Ao disponibilizarmos aos alunos esta didática de escolhas, oportunizamos também um aprendizado flexível – cujos interesses próprios foram a base desta troca de conhecimentos, de uma maneira autônoma, proporcionando maior comprometimento e de forma mais rápida.

O jogo da forca foi o que mais chamou a atenção deles. Cada um queria jogá-lo. Foi necessário deixar que todos passassem por ele, escolhendo o assunto que mais lhes agradava para prosseguirmos. Algo muito interessante que aconteceu aqui é que os colegas, na medida do possível, sempre tentavam ajudar aquele (a) colega que havia escolhido o assunto de seu interesse e estava lá na frente lidando com a Lousa, numa espécie de competição deles próprios, como uma equipe, contra o tempo.

O mesmo jogo da forca, no assunto “Esportes 1” escolhido pela aluna, agora como uma fotografia tirada por ela, com a própria máquina fotográfica do Programa Smart Board Notebook (Figura 11):



Além dos alunos terem tido a oportunidade de escolher os assuntos de seus interesses, de acordo com o nível ao qual cada um deles se enquadrava, a interação sujeito-máquina aumentava constantemente à medida que os nossos encontros ocorriam e cada vez mais, melhorava a segurança de “não estar fazendo algo de errado” no computador ou na própria lousa.

No site www.britishcouncil os alunos descobriram uma espécie de monstro = *monster* (Figura 12) que “obedece” aos comandos executados pelos alunos. Como todos se encantaram com o jogo e queriam jogá-lo, novamente foi preciso deixar que cada um – conforme uma ordem estipulada por eles mesmos, viesse, pelo menos uma vez, fazer algo diferente com o **seu** monstrinho. Aqui, foram usados verbos no Imperativo: dance, cante, espirre, grite e exploda. Verificamos a pronúncia do vocabulário apresentado e a tradução dos mesmos para que todos entendessem o que acontecia com o monstro, enquanto alguns deles já estavam rindo e comentando sobre.



Também foi possível modificar a cor do monstinho (Figura 13), revisando as cores: blue (azul), red (vermelho), yellow (amarelo), white (branco), black (preto), pink (rosa), green (verde), orange (laranja), gray ou grey (cinza).



Ao encontrarem o *Teddy Dresser* (Figura 14), como os alunos já conheciam muitas das vestimentas em Inglês, encantaram-se com o ursinho. Sabiam o que deveriam fazer: era preciso colocar a roupa certa, de acordo com a frase dada. Com a ajuda do dicionário, os alunos agruparam-se em duplas ou trios e traduziram as frases e vestiram o *Bear*. Utilizamos aqui o seguinte vocabulário: shorts (bermuda), pants (calça), t-shirt (camiseta), shirt (camisa), skirt (saia), jeans (calça de brim), glasses (óculos), sunglasses (óculos de sol), hat (chapéu), cap (boné), shoes (sapatos), tennis shoes (tênis), socks (meias), tie (gravata), sweatshirt (moletom), coat (casaco), gloves (luvas) e scarf (manta).



Nos nossos encontros houve muitos momentos de interação, de trocas de idéias e informações, nos quais os alunos se deslocavam dos seus lugares, até onde estava um colega ou colega com quem necessitavam conversar e explicar algo, a fim de ajudá-los. Através desta proposta, baseada na troca de idéias e na interação entre os colegas, os alunos expandiram o seu próprio conhecimento e o coletivo. Preocuparam-se em aprender e, ao mesmo tempo, compartilhar os conhecimentos adquiridos com os colegas.

No mesmo site do www.britishcouncil.org, encontraram atividades que associavam mapas às respectivas origens dos animais. Era necessário ler as características apresentadas para tentar descobrir qual era aquele animal e, conseqüentemente, entender sobre mapas para conseguir situá-lo no mapa em questão. Observação: a área verde do mapa mostra onde esse animal vive e, juntamente qual foi a pontuação obtida (de zero até 10) – é necessário dizer que, novamente, a competição foi saudável entre eles contra o tempo, e não entre eles próprios. Mostraram que o coleguismo está muito presente nas suas relações. Querem que o (a) colega acerte sempre ou cada vez mais, incentivando-o a cada novo jogo, independente dos erros ou dos acertos.

O mapa, na atividade sobre o camaleão (Figura 15):



Em alguns dos nossos encontros, enquanto um grupo de alunos estava trabalhando nos computadores, pesquisando em diversos sites educativos sobre os assuntos de seus interesses, de uma maneira organizada, foi permitido aos alunos que viessem até a lousa eletrônica para que desenhassem e escrevessem motivos livres.

A maior parte deles começou desenhando figuras bem coloridas, usando as quatro cores de canetas que acompanham a lousa: vermelho, verde, preto e azul. Em seguida, passaram a utilizar as ferramentas complementares: demais cores, tamanhos, desenhos e o próprio teclado para que fosse possível escrever mudando-se as letras, o traçado, o formato, por exemplo.

Abaixo, seguem alguns exemplos, criados pelos alunos, sem haver um tema específico. Aqui, novamente a autoria e a autonomia prevaleceram.

Figura 16: autoria do ALUNO H, 2007:

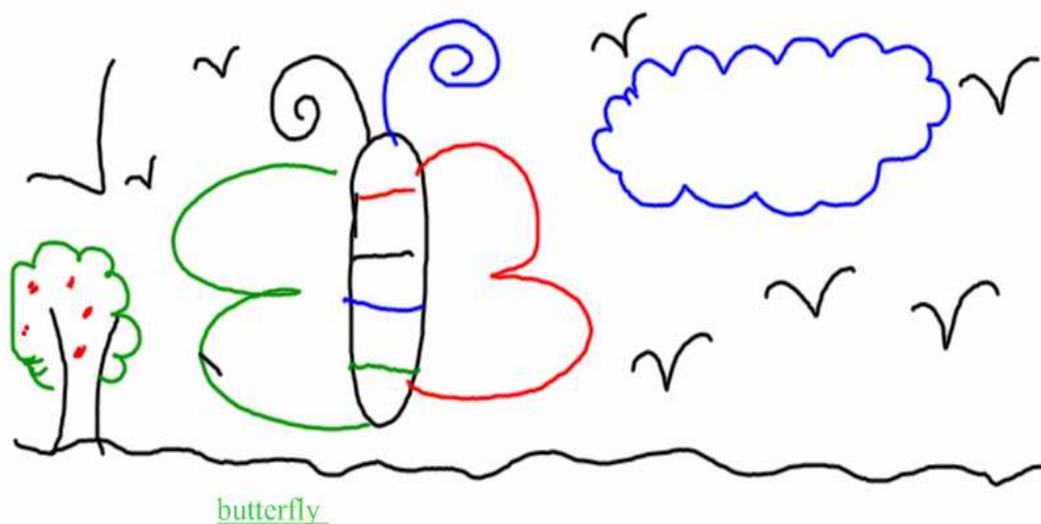
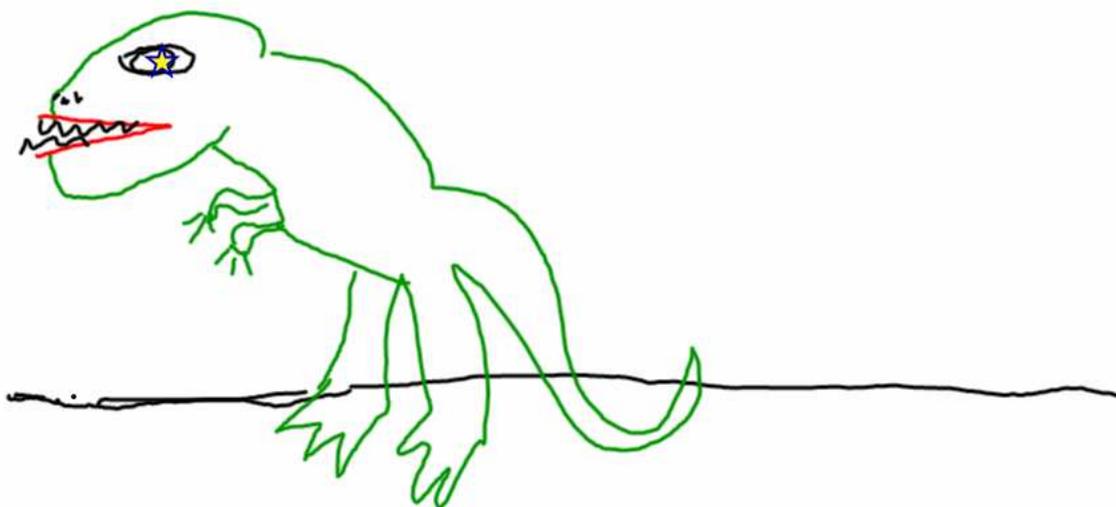


Figura 17: autoria do ALUNO J, 2007: um assunto que o fascina! Ele possui coleções de livros, recortes de jornais e revistas sobre o que se refere a este assunto!



Já o ALUNO G (Figura 18), preferiu escrever frases em Inglês, valendo-se de membros da sua família:

Remate in lab class

my name is Zuma Dine

The pencil is Purple

I love you... X

No nosso último encontro gravei as falas dos alunos envolvidos na pesquisa, em relação àquilo que eles sentiram, se gostaram ou não e por quê. Surpreendi-me quando ouvi de boa parte deles que estavam tristes já que os nossos encontros estavam chegando ao fim e que desejariam continuá-los até o final do ano. Percebeu-se nitidamente que a vontade e o interesse dos alunos, mesmo sendo uma atividade extra-classe, foi bem maior que aquela vivenciada diariamente em sala de aula nas aulas do currículo. O desejo de que se pudesse continuar com as atividades envolvendo o uso dos computadores, da lousa eletrônica, da internet e dos sites educativos em Inglês estava bem claro em muitos deles.

Um fluxograma, representando as datas dos nossos encontros e os sites pesquisados pelos alunos pode ser conferido no ANEXO K.

5.3 A criação do nosso *Blog Inglês em ação*

O nosso Blog **Inglês em ação** (sugerido pelos alunos), criado durante os nossos encontros pelos próprios alunos da 5ª série participantes da pesquisa, em especial pelo aluno F – que em sala de aula não gosta de estudar, muito menos de participar: O aluno F entrou no site www.blogger.com e criou o www.inglesemacao.blogspot.com. É necessário ressaltar que não foi preciso criar e-mails para os alunos utilizarem no blog, pois todos já tinham pelo menos um endereço eletrônico e a maior parte deles está bem acostumada a enviar e receber e-mails em seu dia-a-dia.

Abaixo, apresento para diferenciar a escrita dos alunos (letra Arial) dos comentários da professora pesquisadora, os mesmos foram escritos em letra Times New Roman.

Inglês em ação

Arquivo do blog

- ▼ 2007 (1)
 - ▼ Setembro (1)
 - Welcome



Quem sou eu

Inglês em ação

[Visualizar meu perfil completo](#)



Quarta-feira, 19 de Setembro de 2007.

Welcome

Olá ..

Nós somos a turma 151 do Colégio Martin Luther, de Estrela/RS. Este é o nosso blog da disciplina de Inglês. Aqui, você pode postar, criticar, sugerir etc... Logo iremos colocar algumas fotos nossas.

Obrigado pela atenção e esperamos que todos gostem do nosso blog.
Postado por Inglês em ação às 12:04

55 comentários:

Aluno E disse...

E aí pessoal!
(mensagem para ver se funciona)
Legal o grupo.

26 de Setembro de 2007 09:45

Aluno E disse...

Eu espero aprender mais com essas aulas, pois o grupo é muito bom.

26 de Setembro de 2007 09:48

Aluno D disse...

E aí! Que show!

26 de Setembro de 2007 09:48

Aluno I disse...

Eu espero que nessas aulas eu aprenda mais sobre inglês

26 de Setembro de 2007 09:49

Aluno H disse...

oi

26 de Setembro de 2007 09:49

Aluno E disse...

Quero sempre aprender mais com inglês, a língua é boa de se falar pois temos uma ótima professora.

26 de Setembro de 2007 09:50

Aluno E disse...

quem quer jogar bola depois?
fala comigo

26 de Setembro de 2007 09:50

Aluno D disse...

Eu espero aprender algumas palavras que eu não conheço ainda. Mais sobre animais, esportes, objetos e etc..

26 de Setembro de 2007 09:50

Aluno A disse...

E aí!
 Espero aprender mais sobre inglês,
 entender as regras básicas do inglês

26 de Setembro de 2007 09:52

Aluno E disse...

oooooooooooooooooooo

26 de Setembro de 2007 09:54

Aluno D disse...

Eu espero em relação ao inglês, aprender mais, várias coisas legais.

26 de Setembro de 2007 09:55

Aluno E disse...

É muito show a lousa eletrônica,
 só tem um problema: escrever o nome - O aluno, no segundo encontro, ainda não
 estava seguro com o uso da lousa eletrônica, em relação à escrita.

26 de Setembro de 2007 09:55

Aluno I disse...

eu espero aprender mais sobre inglês e essa aula até agora é muito legal - Os
 alunos, começaram a pedir para que, no turno da manhã – durante as aulas de Língua
 Inglesa, eles também pudessem ter aulas assim, utilizando a Lousa Eletrônica.

26 de Setembro de 2007 09:56

Aluno D disse...

eu quero jogar futebol sim

26 de Setembro de 2007 09:57

Aluno D disse...

E aí galera... hehehehehehe

essas aulas vão ser muito fera mano...

espero gostar muito delas e então aprender mais regras do inglês e muitas
 coisas incríveis...

aushsauhsauhsauhas

abraços...Aluno D - Comprovando quem foi que escreveu, mesmo tendo o seu nome
 no “topo” da mensagem!

26 de Setembro de 2007 10:01

Aluno C disse...

A aula foi bem tri porque a gente mexeu na lousa eletrônica e a gente acabou
 jogando jogo enquanto os pcs das fileiras da frente estavam desligados!!! -

Ocorreu uma queda de energia em alguns computadores, no início de um dos nossos encontros! Então, como só alguns computadores estavam funcionando, logo os alunos tiveram o seu tempo livre para navegar na internet.

26 de Setembro de 2007 10:02

Aluno G disse...

Hi!

This is cool! - Ou seja, isto é legal!

hshshshsh...

26 de Setembro de 2007 10:02

Aluno D disse...

hehehehehehe...

Estamos ferrados quero ver fazer essa tal de aula... - Preocupação frente ao novo, ao inusitado, ao inesperado.

uasuhassuhasuhasuhas

mas vamo lá hehehehehe...

26 de Setembro de 2007 10:03

Aluno E disse...

<http://www.leme.pt/criancas/kids/> - Dividindo os novos sites com os colegas através do Blog!

26 de Setembro de 2007 10:03

Aluno E disse...

vão nesse site e animals wourd

26 de Setembro de 2007 10:05

Aluno E disse...

<http://www.kidscom.com/games/animal/animal.html> - Outro site compartilhado pelo mesmo aluno no Blog!

26 de Setembro de 2007 10:06

Aluno F disse...

Eu espero q nessas aulas eu aprenda mais coisas. - Os anseios.

Em relação ao inglês espero aprender mais coisas sobre como é a vida das pessoas na Inglaterra, Estados Unidos...

26 de Setembro de 2007 10:07

Aluno C disse...

Prá falar a verdade eu espero com essas aulas, aprender algumas novas palavras!!!

Em relação ao inglês, espero aprender coisas novas e ... - Tudo aquilo que tiver a oportunidade de aprender.

26 de Setembro de 2007 10:11

Aluno D disse...

Escrever em inglês alguns animais, E OS ANIMAIS QUE NAO SABEM ,DEVE PROCURAR EM SITES EDUCATIVOS: - Um dos alunos, ao criar a sua aula, disponibilizou-a no Blog. Este aluno, também mostrou que entendeu qual era o propósito dos nossos encontros. A questão levantada por ele: procurar em sites educativos.

A)LEÃO	=	H)PASSARINHO=
b)JACARÉ=		I)MACACO=
C)COBRA=		J)TIGRE=
D)ARANHA=		K)BÚFALO=
E)COELHO		L)BOI=
F)VACA=		M)CACHORRO=
G) AVESTRUZ N) GATO=		

26 de Setembro de 2007 10:12

Aluno B disse...

Eu gostei dessas aulas de inglês, pois aprendi a usar a lousa eletrônica, aprendi novos sites sobre animais e aprendi novas palavras em inglês.

26 de Setembro de 2007 10:12

Aluno B disse...

Com essas aulas eu espero aprender mais sobre os animais em inglês e notícias sobre os animais ou um outro tema. Em relação ao inglês eu espero aprender novas palavras para um dia ir em um lugar internacional que falem em inglês para melhorar a minha fala. - Prevendo um futuro melhor, no qual será necessária a Língua Inglesa.

26 de Setembro de 2007 10:16

Aluno A disse...

Espero com essas aulas de inglês saber coisas que não conheço. Espero com essas aulas melhorar na matéria de inglês.

26 de Setembro de 2007 10:19

Aluno G disse... - O exercício proposto pela professora foi dividido com os colegas através do Blog!

Use an or a (use um ou uma)

- _ elephant
- _ bird
- _ pig
- _ rooster
- _ cat

_ dog
 _ tiger
 _ lion
 _ frog
 _ alligator
 _ mouse
 _ bear

26 de Setembro de 2007 10:20

Aluno E disse...

Cara não to conseguindo fazer a aula - Preocupação na hora de elaborar algo que seria dividido com os colegas e com a professora/pesquisadora!

26 de Setembro de 2007 10:40

Aluno D disse...

Os animais do exercício anterior, fale o habitat dele em inglês: Dando dicas.

26 de Setembro de 2007 10:41

Aluno D disse...

Pesquisar cada dia sobre um animal, seu habitat o que ele come onde vive, características do animal.

26 de Setembro de 2007 10:43

Aluno I disse...

Nessa aula faremos uma lista de animais. Os alunos falarão o nome (em inglês) de cada animal. Em seguida, cada aluno escolherá um animal. Na aula seguinte, mostrará todos os dados conseguidos numa apresentação.

26 de Setembro de 2007 10:44

Aluno G disse...

put in order the animals: (Coloque em ordem os animais) - Mais uma atividade compartilhada com os colegas, pelo Blog.

liatorga=
 irbd=
 god=
 tac=
 shfi=
 ouems=
 igter=
 aleften=

26 de Setembro de 2007 10:44

Aluno E disse... - Outra atividade criada e repartida com os colegas!

Pesquise sobre uma das três espécies: mamíferos, répteis, ou aves. Escreva sobre o que ele come, onde vive, qual sua comida favorita e sua estimativa de vida.

26 de Setembro de 2007 10:46

Aluno E disse...

Lembrar todas as respostas em inglês.

26 de Setembro de 2007 11:25

Aluno D disse...

Research each day about one animal, its live, what it eats, where it lives, the characteristics of the animals - Pesquise cada dia sobre um animal, sua vida, o que ele come, onde ele mora, as características dos animais:

Aluno F disse...

Hey =P

Daí manos =D

Uh é =P

Agora vai ser show isso aí mano - Expectativa do novo.
mooh finera

Rápido noiz aprende =P

ok ...

xP

I see all later =D

29 de Setembro de 2007 10:10

Aluno F disse...

Eu quase nem mexi na lousa - Decepção.

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk...

axo q noiz tinha q entrar em outro site

Tanto faz o site ... desde q seja inglês - Sabiam o que podiam ou não fazer e onde pesquisar (sites educativos).

3 de Outubro de 2007 13:14

Aluno I disse...

Muito tri essa aula Alegria! Entusiasmo!

17 de Outubro de 2007 11:32

Aluno C disse...

Gostei muito dessas últimas aulas pois jogamos vários jogos na lousa e eu gostei muito.

17 de Outubro de 2007 11:40

Aluno H disse...

Achei a aula muito legal pena que acabou - Alegria e tristeza – o bom e o ruim.

24 de Outubro de 2007 09:35

Aluno C disse...

Tô sem assunto no meio da aula de inglês ! E só vou falar que a aula está triii!!

Entusiasmo, alegria, empolgação.

24 de Outubro de 2007 09:38

Aluno B disse...

Bom como eu já falei antes, as aulas foram muito legais para mim e para todos, eu acho, gostei muito de usar a lousa, entrar em sites educativos...

Mas eu só não gostei das brincadeiras dos outros colegas, alunos... -

Pontos positivos e negativos dos nossos encontros. Alguns meninos se sobressaem por terem bastante facilidade em lidar com os computadores, com a internet, com a Lousa, com a Língua Inglesa, com a fala ou a escrita em Inglês.

24 de Outubro de 2007 09:40

Aluno E disse...

Pessoal tomara que a professora continue esse trabalho que é muito legal!

Se tiver, claro q eu vou participar!

Tomara. - Vontade que esse trabalho realizado pela professora continue.

24 de Outubro de 2007 09:40

Aluno A disse...

Essas aulas foram muito legais, queria que houvesse mais algumas aulas pois elas foram ótimas. - Desejo de continuar o trabalho iniciado pela professora/pesquisadora.

No nosso último encontro, uma confraternização bem deliciosa para encerrarmos muito bem os nossos encontros, com muitos sorrisos, troca de emoções, alegrias e, ao mesmo tempo tristeza, pois os alunos gostariam que esta “oficina” – como eles chamavam os nossos encontros, deveriam continuar até o final do ano:

Nesta convivência da Biologia do Amor, baseada no respeito e na colaboração de todos, tanto os alunos envolvidos nesta pesquisa, quanto a professora pesquisadora transformaram-se afetivamente e também transformaram o meio no qual estavam inseridos. O ser, o fazer e o conhecer dos alunos e da professora pesquisadora mudaram: quando iniciamos o trabalho éramos diferentes

de agora - as perturbações desencadeadas individual e coletivamente, associadas ao desejo de aprender, resultaram em mudanças de atitudes e de pensamentos.

Lévy (1996, p. 116) confirma essa idéia:

O ciberespaço favorece as conexões, as coordenações, as sinergias entre as inteligências individuais, e sobretudo se um contexto vivo for melhor compartilhado, se os indivíduos e os grupos puderem se situar mutuamente numa paisagem virtual de interesses e de competências, e se a diversidade dos módulos cognitivos comuns ou mutuamente compatíveis aumentar.

6 Reflexão Final

A finalidade da escola, de acordo com Juan de Mairena, é “ensinar a repensar o pensamento, a “des-saber” o sabido e a duvidar de sua própria dúvida; esta é a única maneira de começar a acreditar em alguma coisa” (MORIN, 2005, p. 21). Pensando-se nisso, a educação deve contribuir para a

Autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação à sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional (MORIN, 2005, p. 65).

Assim sendo, acreditamos que a sala de aula é o lugar propício para a criação de um vínculo com a leitura, pela inserção do aluno na tradição do conhecimento; já que este é pressuposto para o exercício da reflexão acerca da educação. É a reflexão que instiga o processo dialético. Existem interferências recíprocas entre as instituições de ensino que, por sua vez, constituem o social; e a escola pertence a esta sociedade.

Deste processo, decorre então a compreensão dos fenômenos sociais, políticos, religiosos, físicos, químicos e biológicos do cotidiano. Passamos a compreender a nossa condição humana e a nossa identidade terrena, adquirindo sentimentos de “pertença”.

Esse é o resumo da minha filosofia da educação. Resta perguntar: os saberes que se ensinam em nossas escolas são ferramentas? Tornam os alunos mais competentes para executar as tarefas práticas do cotidiano? E eles, alunos, aprendem a ver os objetos do mundo como se fossem

brinquedos? Têm mais alegria? Infelizmente não há avaliações de múltipla escolha para se medir alegria ... (ALVES, 2005, p. 16)

Assim, inseridos neste contexto escolar, os alunos poderão ser capazes de ler, interpretar e formular questionamentos sobre os mais variados contextos e formas de linguagem a fim de que venham a se constituir em conhecimentos, resolver situações-problema do cotidiano com ética, participar de fóruns e discussões, respeitar o multiculturalismo aceitando-o como fato da natureza humana sociocultural, ser capaz de comunicar o pensamento através das mais variadas formas de linguagem: oral, corporal, visual, ter uma escrita qualificada, exercer liderança em contextos sociais com bom senso e autonomia, conviver em grupo e ter a capacidade de criar, inventar e reinventar.

Podemos promover também diferentes leituras de mundo: de situações históricas, sociais, políticas, econômicas e religiosas do planeta e, conseqüentemente, a percepção da associação das áreas do conhecimento.

Também podemos propiciar a aprendizagem de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, visando à formação de um homem apropriado de sua identidade e responsabilidade terrena. Nesta pesquisa, verificou-se uma melhor relação afetiva entre os colegas e a professora pesquisadora, os conhecimentos individuais e coletivos foram aprimorados, melhorando-se também a pronúncia das palavras e ocorrendo uma amplificação do vocabulário.

Nas escolas, sejam elas estaduais, municipais ou particulares, os professores competentes, devem, obrigatoriamente, ser exigentes para com os seus alunos:

O educador competente terá de ser exigente. Quero usar, aqui, a idéia de exigência associada à de **necessidades**. Certas circunstâncias exigem de nós determinadas posturas, e não podemos nos recusar a assumi-las, porque se impõem como necessárias. O educador exigente não se contentará com pouco, não procurará o fácil; sua formação deverá ser a formação de um intelectual atuante no processo de transformação de um sistema autoritário e repressivo (RIOS, 2006, p. 69)

Falar em competência significa falar em **saber fazer bem**. Apesar das diferenças entre as diversas concepções de educação e de escola presentes em nós, elas sem dúvida concordam em definir desse modo a

competência. Entretanto, é preciso atenção (o alerta da crítica!) ao explicitar o que se quer dizer quando se faz essa afirmação, uma vez que essa é a tônica do discurso da maior parte dos educadores (RIOS, 2006, p. 46)

Sabemos que o Ensino de Língua Estrangeira–Inglês, de 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, é obrigatório nas escolas brasileiras até o presente momento.

Esta iniciativa: sala de informática/computador/internet/busca de sites educativos com autonomia, envolveu uma renovação do ensino de Língua Estrangeira L2 – Inglês, propondo uma maneira diferenciada de educar e de aprender. A formação educacional destes alunos envolvidos na pesquisa foi melhor, uma vez que a metodologia utilizada é mais abrangente e atrativa do que os métodos de ensino convencionais, utilizados pela maioria das escolas de Ensino Fundamental e Médio de nosso Estado.

Pensando-se em termos de preparação para o mercado de trabalho e de cultura universal, alunos expostos a esta prática estarão alguns passos à frente, ou muitos, talvez, daqueles que não o utilizam, ou não tiveram a oportunidade de familiarizar-se com os meios tecnológico-computacionais e virtuais em seu histórico escolar.

O que pretendia era fazer com que os alunos trabalhassem mais, e mais ludicamente, envolvendo-se com a realização das tarefas, sempre agindo e interagindo no mundo virtual, em que poderiam e deveriam usar a sua criatividade, compartilhar as suas idéias, discutir pontos de vista, para que houvesse construção de conhecimento. Neste sentido, a professora/pesquisadora foi uma mediadora entre os alunos e este espaço virtual/tecnológico, no qual eles estavam inseridos, em busca de novos conhecimentos.

A inter-relação que aconteceu entre aluno – computador/máquina - meio virtual – laboratório de informática – professora/pesquisadora foi, na medida do possível, natural, para que todos se sentissem à vontade para agir e interagir com o meio no qual estavam inseridos, sem que houvesse uma quebra no fluxo. Em vista

disso, os conteúdos não foram predeterminados, para que pudéssemos ampliar conjuntamente os nossos conhecimentos individuais, coletivos e sociais.

Antes de iniciarmos os nossos encontros, a maneira de pensar e de agir minha e dos participantes, era uma. No decorrer e ao finalizá-los, já não era mais a mesma. Muitas coisas mudaram durante o nosso convívio: a relação alunos-professora/pesquisadora, a relação alunos-alunos. O ser/fazer/conhecer modificou-nos, evoluiu-nos, e nos faz pensar através de um outro ângulo, sob outros olhos.

Os alunos foram instigados a imaginar o onde, o quando e o que havia por trás do que estava sendo “dito” nos textos trabalhados, fossem eles textos escritos - lidos, relidos, interpretados e discutidos, fossem eles desenhos ou gravuras, já que em muitos casos eles conheciam o vocabulário necessário e conseguiram utilizá-lo para se comunicar na sala de aula.

Foi muito válida a idéia de que juntos, professora/pesquisadora e estudantes tivessem escolhido os assuntos interessantes a serem pesquisados na Internet, uma vez que esta pesquisa previa a autonomia, inserida num trabalho individual e, ao mesmo tempo, coletivo, em que pudesse e deveria haver trocas de informações, de idéias, comentários, para que houvesse crescimento individual e também coletivo. Também houve muitas melhoras em relação à pronúncia de palavras na L.E. e uma ampliação e memorização do vocabulário estudado.

Os alunos foram observados e diários de bordo foram elaborados em cada um dos nossos encontros, tanto pela pesquisadora, quanto pelos próprios estudantes a respeito do trabalho realizado em conjunto.

Os assuntos pesquisados pelos alunos foram discutidos, lidos e interpretados, analisados, traduzidos e praticada a pronúncia das palavras desconhecidas para que pudessem melhorar e ampliar o vocabulário, permitindo a auto-experimentação, que potencializou os sujeitos e seus conhecimentos.

A tradução do vocabulário dos textos, das músicas, etc., foi realizada em conjunto - pelos alunos e pela professora pesquisadora. Algumas vezes os alunos foram instigados pela professora a buscar o significado das palavras desconhecidas em dicionários Português – Inglês / Inglês – Português.

As informações pesquisadas pelos alunos foram registradas, principalmente, para que se pudessem ser divulgadas aos demais estudantes deste nível, a fim de que houvesse debates comuns ao grupo. Elas foram também exploradas em conjunto, já que pretendíamos que tivessem um teor educativo de importância para a vida escolar dos alunos.

No momento em que os alunos agiram, interagiram, criando os seus materiais, navegaram na internet através de sites em Língua Inglesa que fossem educativos, trocaram idéias, pensamentos, **eles** foram os autores dos seus conhecimentos e, conseqüentemente, atingiram os objetivos aqui propostos, seguindo a teoria dos biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, uma vez que a cognição foi a mediadora entre os alunos e a professora/pesquisadora. A Biologia da Cognição, juntamente com muito carinho, amor, dedicação, esforço, perdurou durante este longo caminho, trilhado por todos os seres autopoieticos aqui envolvidos.

Considero que os marcadores de transformação escolhidos para nortear a professora/pesquisadora durante a pesquisa, tais como: os traços afetivos, a relação sujeito-máquina, a pronúncia da Língua Inglesa, a autonomia, a satisfação, a complexificação das idéias, a escrita, tudo isso melhorou, ficando mais elaborado, mais desenvolvido, melhorando a iniciativa por parte dos alunos, que, talvez, em algumas das situações, antes fossem mais pacatos, acarretando fatos sem importarem-se ou serem indiferentes a eles.

Ao pensarmos em educação, antes de tudo, devemos lembrar que a função da escola, diferente da que tinha em outras épocas, não é apenas de transmitir conhecimentos e/ou informar, já que estes assumem proporções maiores a cada momento. A sua função é a de inserir o estudante/aluno numa dinâmica de aprender, incentivando e proporcionando autonomia capaz de lhe permitir esforços constantes em sua produção de saberes. Assim, poderá atribuir sentidos deixados pelas referências que os orientam, elas mesmas em constante ressignificação. É uma produção de saberes elaborada no cotidiano, reelaborada e ampliada de acordo com as experiências anteriores. Apenas nestas condições é que podemos falar em produção de saberes: uma escola em que passamos a questioná-los, problematizá-los, produzi-los, sem reproduzirmos o conhecimento. Ao desempenhar

esta função, a escola pode contribuir para a educação de cidadãos críticos e criativos, capazes de agir no mundo, melhorá-lo, e de inserirem-se num mercado de trabalho, numa prática social visando emancipar-se.

Para concluir:

"Procura-se um Flautista Feiticeiro

Que me dêem uma boa razão para que os jovens apaixonem-se pela Ciência. Para isto seria necessário que os cientistas fossem também contadores de estórias, inventores de mitos, presenças mágicas em torno das quais se ajuntassem crianças e adolescentes, à semelhança do **flautista de Hamelin, feiticeiro**, que tocava sua flauta encantada e os meninos o seguiam ...

Todo início contém um evento mágico, um encontro de amor, um deslumbramento no olhar ... É aí que nascem as grandes paixões, a dedicação às causas, a disciplina que põe asas na imaginação e faz corpos voar. Olho para os nossos estudantes, e não me parece que seja este o seu caso. E eles me dizem que os mitos não puderam ser ouvidos. O ruído da guerra e o barulho das moedas era forte demais. Quanto à flauta, parece que estava desafinada. O mais provável é que o flautista se tivesse esquecido da melodia ...

Não, não se espantem. Mitos e magia não são coisas de mundos defuntos. E os mais lúcidos sabem disto, porque não se esqueceram de sonhar. Em 1932, Freud escreveu uma carta a Einstein que fazia uma estranha pergunta/afirmação: "Não será verdade que toda Ciência contém, em seus fundamentos, uma mitologia?" Dirão os senhores que não pode ser assim. Que mitologia é coisa da fantasia, da

falsa consciência, de cabeça desregulada. Já a Ciência é fala de gente séria, pés no chão, olhos nas coisas, imaginação escrava da observação ...

Pode ser. Mas muita gente pensa diferente. Primeiro amar, depois conhecer. Conhecer para poder amar. Porque, se se ama, os olhos e os pensamentos envolvem o objeto, como se fossem mãos, para colhê-lo. Pensamento a serviço do corpo, Ciência como genitais do desejo, para penetrar no objeto, para se dar ao objeto, para experimentar união, para o gozo. Lembram-se de Nietzsche? Pensamento, pequena razão, instrumento e brinquedo da grande razão, o corpo.

Sei que tais pensamentos são insólitos. E me perguntarão onde foi que os aprendi. Direi baixinho, por medo de anátema, que foi na leitura de minha Bíblia, coisa que ainda faço, hábitos de outrora. É naquele mundo estranho e de cabeça para baixo, como Pinóquio às avessas ou nas inversões do espelho das aventuras de Alice, conhecimento não é coisa de cabeça e nem de pensamento. É coisa de corpo inteiro, dos rins, do coração, dos genitais. E diz lá, numa candura que tomamos por eufemismo, que "Adão conheceu sua mulher. E ela concebeu e pariu um filho". Conhecimento é coisa erótica, que engravida. Mas é preciso que o desejo faça o corpo se mover para o amor. Caso contrário, permanecem os olhos, impotentes e inúteis ... Para conhecer é preciso primeiro amar.

E é esta pergunta que estou fazendo: que mágico, dentre nós, será capaz de conduzir o fogo do amor pela Ciência? Que histórias contamos para explicar a nossa dedicação? Que mitos celebramos que mostrem aos jovens o futuro que desejamos?

Ah! É isto. Parece que as utopias se foram. Ciência e cientistas já não sabem mais falar sobre esperanças. Só lhes resta mergulhar nos detalhes do projeto de pesquisa, financiamentos, organização - porque as visões que despertam o amor e os símbolos que fazem sonhar desaparecem no ar, como bolhas de sabão.

Especialistas, que conhecem cada vez mais, de cada vez menos, têm medo de falar sobre mundos que só existem no desejo.

Claro que não foi sempre assim. Houve tempo em que o cientista era ser alado, imaginação selvagem, que explicava às crianças e aos jovens os gestos de suas mãos e os movimentos do seu pensamento, apontando para um novo mundo que se anunciava no horizonte. Terra sem males, a natureza a serviço dos homens, o fim da dor, a expansão da compreensão, o domínio da justiça. Claro, o saber iria tornar os homens mais tolerantes. Compreenderiam o absurdo da violência. Deixariam de lado o instrumento de tortura pela persuasão suave do ensino. Os campos ficariam mais gordos e perfumados. As máquinas libertariam os corpos para o brinquedo e o amor. E os exércitos progressivamente seriam desativados, porque mais vale o saber do que o poder. As espadas seriam transformadas em arados e as lanças em podadeiras. Realização do sonho do profeta Isaías, de harmonia entre bichos, coisas e pessoas.

Interessante. Estes eram mitos que diziam de amor, harmonia, felicidade, estas coisas que fazem bem à vida e invocam sorrisos. Quem não se alistaria como sacerdote de tão bela esperança?

Foram-se os mitos do amor.

Restaram os mitos do poder.

As guerras entre os mundos, os holocaustos nucleares, os super-heróis de cara feia, punhos cerrados e poder imbatível. Ah! Quem poderia pensar num deles jogando bolinha de gude, ou soprando bolhas de sabão, ou fazendo amor? Certamente que bolhas, bolhas e corpos se estralhariam ante o impacto do poder. Não é por acidente que isto aconteceu. É que a Ciência, de realizadora do desejo, se metamorfoseou em aliada da espada e do dinheiro. Os cientistas

protestarão, é claro, lavando suas mãos de sangue ou de lucro. E com razão. Mas, este não é o problema. É que a Ciência é coisa cara demais e o desejo pobre demais. E, na vida real, as princesas caras não se casam com plebeus sem dinheiro. A Ciência mudou de lugar. E, com isto, mudaram-se também os mitos.

Que histórias contaremos para fazer nossas crianças e nossos jovens amar o futuro que a ciência lhes oferece?

Falaremos sobre o fascínio das usinas nucleares?

Quem sabe os levaremos a visitar Cubatão. Protestarão de novo, dizendo que não é a Ciência. Como não? Cubatão não será filha, ainda que bastarda, da Química, da Física, da Tecnologia, em seu casamento com a Política e a Economia?

Podemos fazer um passeio de barco pelo Tietê. Sei que não foi intenção da Ciência, sei que não foi planejado pelos cientistas. Mas ele é um sinal, aperitivo, amostra, do mundo do futuro. De fato, o futuro será chocante. Só que não da forma como Toffler pensa.

Parece que só nos resta o recursos ao embuste e à mentira, dos mitos da Terceira Onda. Mas como levar a sério um mito sorridente que não chora ante a ameaça da guerra? "Se um cego guiar outro cego, cairão ambos na cova ..."

Que me dêem uma boa razão para que os jovens se apaixonem pela Ciência. Sem isto, a parafernália educacional permanecerá flácida e impotente. Porque sem uma grande paixão não existe conhecimento."

ALVES, Rubens. *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez Editora, 1984, p. 23 - 26.

Nas escolas, sejam elas estaduais, municipais ou particulares, não podemos deixar morrer o mito do amor, da paixão pelo educar, a busca constante do aprender, do saber cada vez mais e mais, a voracidade pelo conhecimento, pela sabedoria, pela leitura, escrita, fala, troca de idéias e experiências. Sejamos capazes e humildes de pedir ajuda, ultrapassar limites e vencer barreiras em prol de uma educação digna e justa para todos os cidadãos brasileiros honestos que precisam estar cada vez mais informados e letrados para não serem apenas mais um dentre tantos. Precisamos nos qualificar dia após dia, constantemente, para aprendermos. Persistir sempre, desistir jamais!

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais... .* São Paulo: Verus Editora, 2005.

_____, Rubens. *Estórias de quem gosta de ensinar.* São Paulo: Cortez Editora, 1984.

AMORIM, Vanessa & MAGALHÃES, Vivian. *Cem Aulas Sem Tédio – Sugestões Práticas, Dinâmicas e Divertidas para o Professor de Língua Estrangeira.* Santa Cruz do Sul: Instituto Padre Réus, 1998.

BOETTCHER, Dulce Marlise. *O uso da internet no aprendizado de Inglês como Língua Estrangeira na região de Santa Cruz do Sul.* 2001. Dissertação (Programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2001.

Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês. Oxford University Press, 2003. Mini CD-ROM.

FALCÃO, Gérson Marinho. *Psicologia da Aprendizagem.* São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.* 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. *A educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a Educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2003

HADLEY, Alice Omagio. *Teaching Language in Context.* 3ª ed. USA: Copyright, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; MCLINTOSH, Angus & STREVENS, Peter. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas.* Trad. Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

HOLDEN, Susan; ROGERS, Mickey. *O Ensino da Língua Inglesa*. 2ª ed. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2001.

ISERT, Bernd. *A linguagem da mudança*. Tradução de Sabine Haraguchi. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARTINS, Francisco Menezes; DA SILVA, Juremir Machado (Org.) *Para navegar no século XXI - Tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2000, 2 ed.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2002.

_____. *Autopoiesis and cognition*. Boston: D. Reidi, 1984.

MORAES, Maria Cândida. *Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLMI, Alba & PERKOSKI, Norberto (Org). *Leitura e Cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

PELLANDA, Nize Maria Campos. *Hipertexto como instrumento potencializador da Cognição/Sujeito*. In: I ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO: DESAFIOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E PEDAGÓGICOS, 1, 2005, Recife.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro ; Ed. Zahar, 1963.

RICHARDS, Jack C.; LOCKHART, Charles. *Reflective Teaching in Second Language Classrooms*. New York: Cambridge, 1999.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e Competência*. São Paulo: Cortez, 2006.

ROMESÍN, Humberto Maturana. *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

TACHIZAWA, Takeshy; DE ANDRADE, Rui Otávio Bernardes. *Tecnologias da Informação aplicadas às instituições de Ensino e às universidades corporativas*. São Paulo: Atlas, 2003.

TOWELL, Richard; HAWKINS, Roger. *Approaches to Second Language Acquisition*. Philadelphia: Multilingual Matters Ltd, 1994.

WIDDOWSON, H. G. *Defining Issues in English Language Teaching*. New York: Oxford, 2003.

VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXOS

ANEXO A - Contrato Educacional:

O que os alunos PODEM e/ou DEVEM fazer durante os encontros?

- Respeitar colegas e professora;
- Entrar em sites de caráter educativo, somente em Língua Inglesa;
- Os últimos 15 minutos de cada encontro estarão reservados para verificarem seus e-mails ou navegarem em outros sites;
- Levantar e sentar próximo a um (a) colega;
- Conversar / trocar idéias com os / as colegas,
- Cuidar com a pontualidade.

O que os alunos NÃO PODEM fazer?

- Não se pode comer ou beber no Laboratório de Informática;
- Não devem entrar em sites que não sejam de caráter educativo de Língua Inglesa;
- Chegar ou sair do Laboratório a qualquer hora, sem o consentimento da professora.

ANEXO B - Questionário e Termo de Consentimento e Autorização
Universidade de Santa Cruz do Sul– UNISC
Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – Leitura e Cognição

Por favor, preencha com **LETRA MAIÚSCULA**.

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome Completo: _____

Idade: ____ anos

Estudo de Inglês até a data: **Escola:** _____ anos

Escola de Idiomas: _____ anos

Viagem ao Exterior (duração): _____ meses/anos

Residência no Exterior: _____ anos

Nível de Inglês: Iniciante Elementar Pré-Intermediário
 Intermediário Avançado

Informações sobre o uso de computador em casa:

Diariamente Uma vez por semana Quinzenalmente Nunca

Informações sobre o uso de computador na escola:

Diariamente Uma vez por semana Quinzenalmente Nunca

Informações sobre o uso da Internet em casa:

Diariamente Uma vez por semana Quinzenalmente Nunca

Informações sobre o uso da Internet na escola:

Diariamente Uma vez por semana Quinzenalmente Nunca

Uso da Internet: Para obter informação Por lazer Pelo aprendizado

Termo de Consentimento e Autorização

Tenho pleno entendimento de que os dados acima serão usados somente para uso do Programa de Pesquisa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – Leitura e Cognição – da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, e sendo que minha identidade permanecerá anônima. Autorizo ainda, que os dados obtidos sejam usados para os devidos fins.

Assinatura: _____ Data: __ / __ / 2007

ANEXO D - Fotografia 1: alunos da 5ª Série e a professora/pesquisadora, em frente à Lousa Eletrônica (Figura 2).

Fonte: registro fotográfico da monitora Gabriela, do Laboratório de Informática, 2007.



ANEXO E - Fotografia 2: alunos da 5ª Série e a professora/pesquisadora.

Fonte: registro fotográfico da monitora Gabriela, do Laboratório de Informática, 2007.



ANEXO F – Autoria: escrita com o próprio dedo:

Bruna
Renate Carol

ANEXO G - Escrita com a caneta da lousa eletrônica:

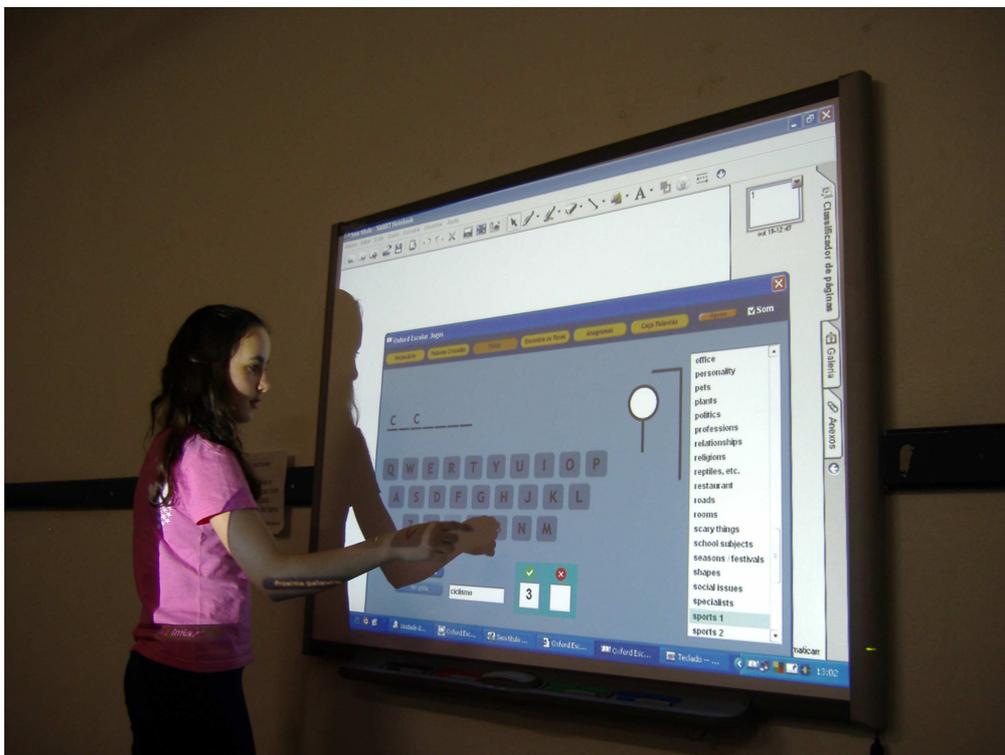
Bruna
Renate
Carol

ANEXO H: comprovando a autoria



carol and bruna

ANEXO I: Fotografia 3: aluna brincando com o jogo da forca, no assunto esportes 1.
Fonte: registro fotográfico da autora, 2007.



ANEXO J – Fotografia 4: os meninos se deslocaram para auxiliar e trocar idéias com uma das colegas (Figura 16).
Fonte: registro fotográfico da autora, 2007.



ANEXO K - Sites Visitados:

www.animals.nationalgeographic.com (Site A)

www.buscaqui.com.br/jogos (Site B)

www.britishcouncil.org/kids (Site C)

www.disney.com (Site D)

www.disney.go.com (Site E)

www.englishclub.com (Site F)

www.englishtown.com.br/moster/hp/3.osp (Site G)

www.estudaridiomas.com/online/ingles.asp (Site H)

www.fungames.com (Site I)

www.funschool.kabose.com (Site J)

www.free-english.com (Site K)

www.kidscom.com (Site L)

www.leranenglish.org.uk/kids (Site M)

www.mes-english.com (Site N)

www.realgames.com (Site O)

www.sobresites.com/ingles (Site P)

www.solbrilhando.com.br/jogos_online/jogos_o_l_ingles_02.htm (Site Q)

www.syyum.com/idiomas/vocabulario/english (Site R)

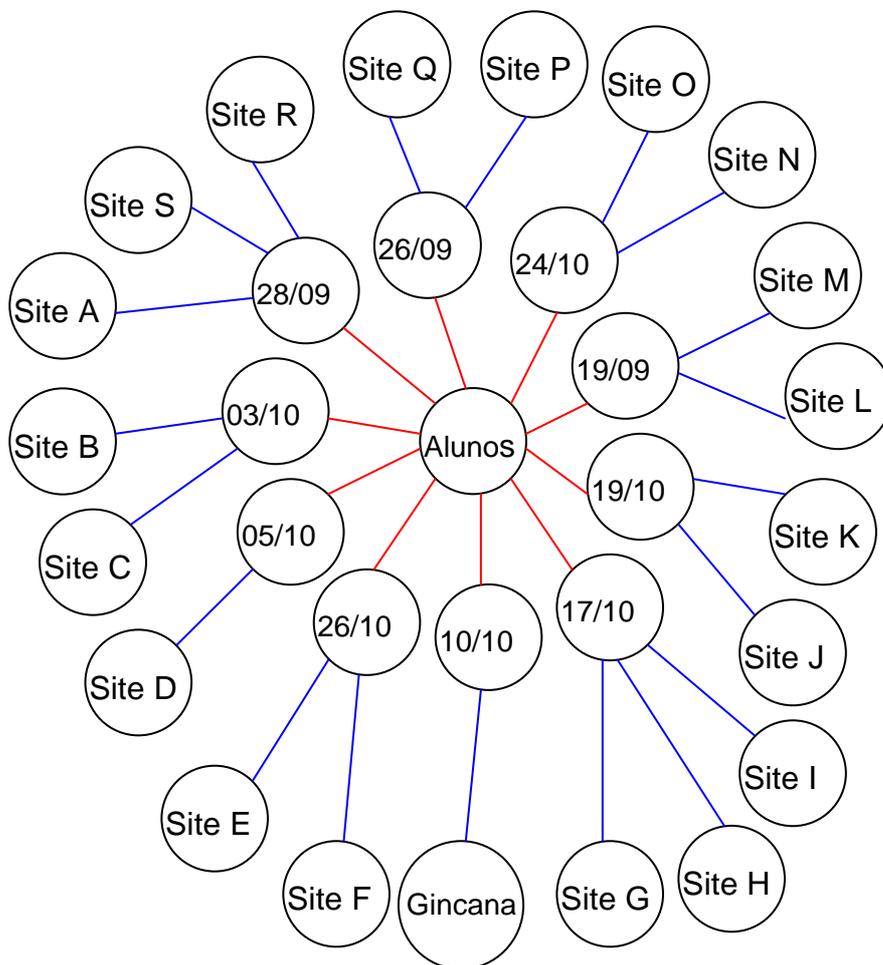
www.teacherkids.com (Site S)

ANEXO L – Participação dos alunos nos nossos encontros:

Data	19/09	26/09	28/09	03/10	05/10	10/10	17/10	19/10	24/10	26/10
Aluno A	X	X	F	X	X	X	X	X	X	X
Aluno B	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno C	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno D	X	X	X	X	X	X	X	F	F	F
Aluno E	X	X	X	X	X	X	X	F	X	X
Aluno F	X	X	X	X	X	X	X	F	F	F
Aluno G	X	X	X	X	X	X	X	F	X	X
Aluno H	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno I	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Aluno J	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Legenda: F = Falta

ANEXO M – Fluxograma representando a pesquisa realizada pelos alunos em cada um dos nossos encontros.



ANEXO N - Fotografia 5: Em frente à cantina do colégio, nossa confraternização, no último encontro. A convivência na Biologia do Amor que contribuiu com a inteligência coletiva.

Fonte: Registro fotográfico da monitora do Laboratório de Informática, 2007.



ANEXO O – Mensagem deixada para a professora/pesquisadora dos alunos envolvidos na pesquisa.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)